

Alerta!



N.º 57
SETEMBRO
OUTUBRO
DE 1954
ANO VIII



Alerta!

AV. RIO BRANCO, 108-3.º — CAIXA POSTAL 1.734

RIO DE JANEIRO (BRASIL)

REVISTA BIMENSAL ILUSTRADA, CONSAGRADA AO DESENVOLVIMENTO E
À DEFESA DO ESCOTISMO E, POIS, A EDUCAÇÃO MORAL, INTELECTUAL E
FÍSICA DA MOCIDADE BRASILEIRA.

REPRESENTANTES — São representantes da revista Alerta!":

AMAZONAS — D. Cristina Ribeiro Pereira — Rua Miranda Leão, 227 — Manaus
— Estados do Amazonas.

PERNAMBUCO — Arlindo Ivo da Costa — Caixa Postal, 1.049 — Recife — Es-
tado de Pernambuco.

SÃO PAULO — Lourival C. Pereira — Rua 24 de Maio, 104-14.º and. — S. Paulo
— Estado de S. Paulo.

PARANÁ — Ernani C. Straube — Rua Presidente Carlos Cavalcanti 954 — Curi-
tiba — Estado do Paraná.

RIO GRANDE DO SUL — Walter Rüdiger — Caixa Postal, 486 — Pôrto Alegre —
Estado do Rio Grande do Sul.

PORTUGAL — Eduardo Ribeiro — Tr. Vitorino de Freitas, 9 (Ajuda) — Lisboa
— Portugal.

PERMUTA — A revista "Alerta!", solicita permuta com outras publicações.
Exchange Requested — On Demande Echange — Pidese Canje.

PREÇOS — Número avulso, Cr\$ 3,00.

Assinaturas de 6 números — Cr\$ 15,00; de 12 números Cr\$ 30,00.

SUMÁRIO

	Pág.		Pág.
Um Exemplo à Seguir	1	Próximas Atividades Internacionais	16
A KAA Brasileira pode sonhar?	2	Uma Receita de Liderança	17
Clichés do Acampamento Internacional de Patrulhas	2	O Escotismo como Método de Formação In- tegral	19
Filatélia	3	Renascimento	20
Assim falou Baden Powell aos pais	4	Bons e Más Acampamentos	21
Organização Administrativa	5	O Dever	22
Livro de Jogos	6	Torneio Técnico Baden-Powell	23
A União dos Escoteiros do Brasil e o «Dia das Nações Unidas»	7	Exortação	25
O Método de Educação Escoteira	8	Deveres dos Chefes para com o Movimento	26
Nunca é tarde para aprender	9	Lealdade ao Movimento	27
As Dez Regras Fundamentais de um Chefe	10	Torneio «Ana Nery»	28
Para as Patrulhas	11	O Chefe Escoteiro	29
A Nobre Missão do Monitor	12	Uma Luz nas trevas	30
A Sementeira	14	Resenha da Reunião da Diretoria Nacional em 13 de Setembro de 1954	31
Pesadêlo!	15	Correspondentes Escoteiros	32

Alerta!

Órgão DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Diretor Responsável: JOÃO FERNANDES BRITO — Gerente: EURÍPEDES DA ROSA

N.º 57

SETEMBRO-OUTUBRO DE 1954

ANO VIII

UM EXEMPLO À SEGUIR

MOACYR M. REBELLO FILHO



Numa afirmativa bem escoteira, os dirigentes da União dos Escoteiros do Brasil, vem empregando o melhor dos seus esforços no sentido de oferecer às regiões escoteiras, oportunidade de melhorar o nível técnico dos seus chefes, proporcionando-lhes a realização de cursos preliminares da Insignia de Madeira, para os ramos de Escoteiros e Lobinhos, como caminho seguro para apresentação de um bom escotismo.

A política de cursos que ora vem seguindo a direção da entidade nacional, de cujos resultados muito se pôde e deve esperar, merece o apoio de todos os que se interessam pela melhoria de nossas chefias. Apoiar, incentivar e aplicar as diretrizes técnicas emanadas da equipe de adestramento de chefes, é dever de tôdas as regiões, não tanto pela obediência que devem à entidade dirigente, mas sim, pela soma de aproveitamento que representa a realização de cursos de chefes, dentro dos princípios de B.P.

O problema de chefia não é de hoje. Também não é um problema local. Continua sendo um problema nacional, que durante longos anos vem preocupando tôdas as diretorias.

Por assim compreender, é que uma das maiores regiões escoteira — Rio Grande do Sul — acaba de solicitar ao Comissário Técnico Nacional, autorização para realização de um curso preliminar de chefes para o ramo de Lobinhos, curso êsse dirigido pela Equipe Nacional de Adestramento.

Atendendo o desejo da Região do Rio Grande do Sul, o Comissário de Adestramento já entrou em contáto com os dirigentes do estado sulino e os primeiros passos para a concretização de tão importante atividade já foram dados, esperando mesmo a equipe de adestramento, poder contar com a cooperação de outros estados próximos, enviando seus chefes ao curso.

Esperamos que o exemplo dado pela Região do Rio Grande do Sul, seja imitado pelas demais regiões, pois só com a contínua realização de cursos de adestramento, pode-se melhorar o Escotismo e oferecer ao rapaz os benefícios do método de B.P.

J. BRITO.

A KAA Brasileira pode sonhar?

ANA CECILIA GALVÃO GUIMARÃES
Assistente Comissário Regional Lobinhos

«Vosso Movimento deu nova fase à juventude de meu país. O Escotismo tem desenvolvido o amor ao vento, ao céu, ao fogo, aos bosques e ao trabalho manual, coisas quase esquecidas na civilização moderna». — Palavras do ministro da Educação da Bélgica ao saudar o Escotismo de sua terra.

Esta saudação trouxe a Pierre Bouvet, Comissário Internacional dos «Scouts» de Cuba, uma inspiração que êle descreve com muita propriedade em seu «Sonho de Kaa», publicado em revista escoteira.

Kaa, a cobra amiga, companheira de Akelá o Lobo Solitário das selvas de Rudyard Kipling, sonha.

Mas aqui, sonha a cobra cubana de Pierre Bouvet. Sim porque prevê acontecimentos para vinte e cinco anos mais tarde.

Como faquir, Kaa, que salvara Mowgli o Menino Lobo, das mãos dos macacos, teve o poder de ouvir as palavras que por aquela ocasião pronunciará outro ministro da Educação, atual Lobinho de seu país.

O ministro saúda o Movimento Escoteiro e se reporta a vinte e cinco anos atrás, lembrando que os jovens de sua terra passeavam com indolência pelas ruas da cidade, permanecendo, dessa maneira, alheios às delicias do campo onde verdadeiramente se consegue desenvolver as virtudes viris, onde se aprende a admirar a natureza e respeitar o CRIADOR, onde vê despertar, com intensidade, o amor ao próximo, o espírito de iniciativa e com êle o desejo ardente e constante de SERVIR.

Que gente estranha aquela! Olhavam-se com curiosidade para os poucos Escoteiros que então existiam. Que idéia é essa de ir acampar, de dormir sob barracas de campanha, de subir em árvores como macacos, de expor o corpo ao sol! Sim gente estranha, porém, de boas maneiras, solícita, aparência saudavel, movimentos ageis, desempenada.

Sem dúvida, isso deveria ser muito divertido, posto que Juanito e Pepin o fazem e não mais nos acompanham. Diziam os garotos.

— E se provássemos?

O nível técnico e moral das tropas Escoteiras subia enaltecendo cada vez mais os seus princípios, razão pela qual aumentava dia a dia o número delas.

Para nossa felicidade, noventa por cento da mocidade dêste país é escoteira.

Eis que atualmente, os «Scouts» de antes são personagens importantes no nosso meio religioso, social, político e econômico. Assim sendo não é de se estranhar que reine a segurança de modo surpreendente.

A Kaa brasileira poderia também sonhar? Vejamos:

O alicerce onde se ergue parte dêsse monumento que é a grande Fraternidade Escoteira, estava seriamente abalado. Não fora construído dentro das normas do genial Baden Powell.

Para não correr o risco de deturpar o método era imprescindível que se conhecesse o seu espírito e objetivo antes de utilizá-lo.

O Escotismo no Brasil encontra-se em fase de remodelação. Antes de continuar era necessário colocar as coisas nos seus determinados lugares.

A tarefa era árdua e o resultado não seria imediato.

A unificação trouxe uma série de progressos. Os cursos promovidos fizeram melhorar sensivelmente o nível técnico. Atualmente se pratica o Escotismo de B. P. no Brasil.

Depois dessas palavras, que nos diz Kaa?

A cobra verde-amarela se desenleia meiga e quase entusiasmada responde:

— Vocês estão no caminho certo: cuidado para nunca se deixarem deles. Sempre para o alto Escoteiros e Escotistas de minha terra.

Eu confio em todos, para que não precise esperar alguns anos para começar a sonhar...



CLICHÉS DO ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE PATRUHAS

O «Correio da Manhã» que vem dispensando à Causa Escoteira Nacional um patriótico apôio de grande valor, cuja secção «Vida Escoteira» é lida em todo o Brasil, teve a gentileza de nos ceder a maioria dos clichés que inserimos no número anterior, sobre o Acampamento Internacional de Patrulhas, pelo que aqui expressamos os nossos agradecimentos.

F I L A T É L I A

PREÂMBULO

A idéia de se introduzir nas atividades escolares e escoteiras, a tarefa de colecionar selos só terá atingido um fim elevado, se se conseguir inculcar no espírito do jovem a convicção de que o fazendo está adquirindo hábitos sadios e desenvolvendo as qualidades positivas do ser humano como sejam a disciplina, a paciência, o método, e os dons de pesquisa e de memória, além de adquirir cultura quando não estimulando-a sob diferentes aspectos.

Um curso organizado com esses objetivos deve obedecer ao critério de orientar os seus instrutores com a finalidade desses limites, procurando afastar do rapaz a idéia de comércio, tão enraizado nos mesmos pelos nefastos concursos de figurinhas de balas e outros, para atender tão somente às facetas artísticas e culturais desse tipo de colecionismo.

As aulas devem habilitar os instrutores a preparar os futuros alunos com conhecimentos perfeitos de trato do selo, e habilitá-los também a tornar o assunto agradável pelos conhecimentos gerais que lhe permitam manter os interessados, presos a temas sobre os quais se pode falar sobre muitos aspectos.

As aulas foram organizadas tendo em vista o que ficou dito acima.

O Clube Filatélico do Brasil é a única entidade brasileira, especializada, filiada à Federação Internacional de Filatelia (F.I.P.). Como entidade não governamental é também a única que faz parte da O.N.U. no setor filatélico. Atendendo às suas obrigações perante esta última organização, com muita honra e prazer emprestará toda a colaboração técnica necessária à maior cultura e instrução da nossa juventude, utilizando a Filatelia como centro de interesse e, para tanto organizando um **Plano** capaz de corresponder aos objetivos visados.

Tratando-se de despertar o interesse dos jovens pela Filatelia, necessário se torna evitar dispersão de esforços e orientar, racionalmente, o trabalho de forma que tudo se processe em ordem, em disciplina e com a maior elevação, não se permitindo, em qualquer hipótese intuições comerciais. Para tanto o Clube Filatélico sugere que haja um vínculo de todos os interessados a um único organismo e que o trabalho de orientação técnica se oriente pelos moldes racio-

nais da educação clássica. Daí a necessidade:

- a) organização dos núcleos filatélicos escolares e escoteiros, um em cada estabelecimento de ensino ou Tropa Escoteira;
- b) orientação técnica desses grupos por meio de aulas de mestres capacitados.

Apoiando estas idéias o Clube Filatélico do Brasil sugere à O.N.U., idealizadora dessa atividade escolar, o seguinte:

PLANO

1. — Instalações dos núcleos filatélicos nos estabelecimentos de ensino secundário do Distrito Federal.

Estes núcleos terão a sua direção composta normalmente de um Presidente, um Secretário e um tesoureiro, que constituirão, obedecendo a hierarquia convencional, os seus monitores.

2. — Estes núcleos se filiarão graciosamente ao «Clube Filatélico do Brasil».

3. — Será organizado pelo Clube Filatélico do Brasil, um Curso de Filatelia, ministrado por professores especializados, dedicado aos monitores dos núcleos.

4. — Sob o patrocínio da O.N.U. e do Clube Filatélico, serão expedidas circulares de propaganda aos estabelecimentos de ensino secundário do Distrito Federal expondo os objetivos culturais do empreendimento e encarecendo às suas Diretorias o apoio ao trabalho.

5. — Os meses de Junho e Julho serão consagrados ao serviço de propaganda junto aos estabelecimentos de ensino.

6. — As aulas do Curso, no Distrito Federal, serão na sede do Clube Filatélico do Brasil, na Avenida Graça Aranha n.º 226-4.º andar, das 15,30 às 16,30 horas, nos dias que serão anunciados.

7. — Na segunda quinzena de Janeiro será organizada, sob o patrocínio da O.N.U. e do Clube Filatélico do Brasil — uma exposição exclusivamente para escolares.

8. — O Clube Filatélico do Brasil se encarregará de toda a parte técnica para desenvolvimento deste Plano.

O Curso planejado será de caráter elementar. Em 1955 será organizado, nos mesmos moldes e com as mesmas instruções e objetivos, outro Curso de nível mais elevado, como o que realiza todos os anos o Clube Filatélico do Brasil.

1.ª Aula — Abertura do curso com apresentação do assunto e suas múltiplas pos-

sibilidades. Objetivos principais dessa nova atividade escolar.

2.^ª Aula — História do 1.^º selo. Antecedentes e seu emprêgo até os nossos dias.

3.^ª Aula — O selo — Seus diversos tipos. Características particulares.

4.^ª Aula — A coleção — Organização de uma coleção. Tipos de coleção. Porque se coleciona.

5.^ª Aula — Filatelia — Aspecto cultural da filatelia. O que se aprende no selo. Literatura filatélica.

6.^ª Aula — Intercâmbio filatélico. As exposições filatélicas. Aspecto social.

7.^ª Aula — Prática — Material do filatelista.

8.^ª — Aula — Prática — Selo — Trato do selo.

9.^ª Aula — Prática — Organização de uma pequena coleção com uso de álbuns, pastas, classificadores e catálogos.

10.^ª Aula — Os selos da O.N.U.

Observação — Em tôdas as aulas sempre que possível deve ser mostrado o material de referência. Aos monitores, terminado o curso, serão conferidos diplomas.

FINALIDADE DE CADA AULA

1.^ª Aula — Nesta aula deve o professor explicar os objetivos do curso afim de ressaltar as idéias do preâmbulo para que os alunos das escolas que vão ser iniciados

nessa nova atividade recebam a idéia sem resistência, como uma coisa útil e não como uma obrigação.

2.^ª Aula — É uma aula de cultura filatélica e de cunho instrutivo que dará aos futuros instrutores matéria agradável para entreter os alunos.

3.^ª Aula — O selo deve ser apresentado sôbre os seus diferentes aspectos não só os catalogados (postais, aéreos, etc.), como o que os caracterizam (papéis, picotes, filigramas, etc.).

4.^ª Aula — Os títulos dizem claramente dos seus objetivos: — Prazer — Desejo de cultura — Culto do belo — Estatística e classificação.

5.^ª Aula — Nesta aula o professor terá oportunidade de fazer salientar o valor da filatelia pelo que ela proporciona ao espírito curioso de saber e salientar os ramos de cultura que o selo mostra (Geografia — História — Linguística — Moeda — Técnica de impressão — História Natural, etc.).

6.^ª Aula — Esta aula visa dar aos instrutores uma demonstração do valor de uma mostra, exposição etc., e os resultados no campo das relações sociais, bem como, o aprimoramento do sentimento de lealdade existente no intercâmbio.

7.^ª, 8.^ª e 9.^ª Aulas — Serão exclusivamente de trabalhos práticos.

10.^ª Aula — Será feita a apresentação e uma dissertação sôbre os selos da O.N.U.

Assim falou Baden Powell aos pais



O seu filho de hoje em diante, é escoteiro. E como de certa maneira, de óra avante, tomarei, parte na sua educação, escrevo estas linhas para lhe assegurar que nós, os chefes o acompanharemos com o maior interesse em todos os passos de sua vida.

Como sabe o noso fim é ajudar os pais, procurando dar aos meninos bons companheiros e proporcionar-lhes a atividade benéfica para o corpo e a alma, para que possam chegar um dia a ser homens honrados e bons cidadãos.

Não desejamos tirar o menino, da família, mas somente auxiliar aos seus pais na educação dos mesmos. Por isso esperamos que os pais de sua parte nos ajudem: 1.^º — Visitando a tropa escoteira de vez em quando para ver o que os rapazes fazem. 2.^º — Fazendo o que estiver no seu alcance para animar o menino a nunca faltar aos exercícios e outras atividades da tropa es-

coteira. 3.^º — Interessando, também, os seus amigos pelo escotismo fazendo-os visitar os nossos acompanhamentos e outras demonstrações públicas.

Não existem dois meninos iguais; nós procuraremos amparar e desenvolver o melhor caráter em cada um. Também, não existem dois pais que pensem da mesma forma a respeito de seu filho. Sentiríamos-nos, por isso, satisfeitos se os pais quizessem acompanhar os filhos na sua vida de escoteiros e avisarem-nos que estão atisfeitos com a maneira de que estamos tratando o seu filho.

É nosso maior desejo que os pais possam verificar que o escotismo faz o seu filho ficar forte e cheio de saúde, atencioso e obediente em casa, valente nas suas brincadeiras como no trabalho e em todo o seu modo de proceder sério, e sempre bem disposto e interessado.

Entre nós não existe diferença de classes e a propaganda religiosa e política são proibidas.

Trabalhamos unicamente para ajudar os meninos a serem felizes e bons cidadãos; e neste nosso esforço esperamos a confiança e o auxílio dos pais». — B. P.

Organização Administrativa

Carlos Gusmão de Oliveira Lima
Comissário Distrital

Nas visitas periódicas às Associações Escoteiras temos observado quase sempre a mais completa desorganização administrativa.

É claro que não pretendemos burocratizar o funcionamento das Associações, mas deveriam elas observar os índices mínimos de organização, contidos nos Estatutos e no Regulamento Técnico.

A U.E.B. já distribuiu amplamente pelas Regiões os impressos e fichas oficiais, que poderão ser facilmente obtidas pelas Associações.

Anualmente (janeiro) deverão ser preenchidos os Boletins de Registro Anual das Tropas (Ramos) da Associação, o que apresenta-se como excelente oportunidade para que a Chefia faça um balanço do efetivo da Associação, bem como um estudo crítico do número dos que abandonaram o Movimento ou nêle ingressaram.

Com êstes Boletins discriminam as classes obtidas pelos componentes da Associação, poderá também ser verificado o índice de adestramento alcançado pela mesma.

Na mesma época deverá ser preenchido o Boletim de Registro Anual dos Diretores, o que constitui ocasião oportuna para a substituição dos que não vêm prestando eficiente colaboração nos cargos da Diretoria.

Além desses cuidados anuais a Associação deverá ter algumas anotações, umas mais esparsas, outras mais frequentes, porém, todas elas de igual necessidade e importância.

Temos em primeiro lugar o Livro de Frequência em que se registra a assiduidade a cada uma das atividades, sejam reuniões de sede, solenidades, acampamentos, etc.

Também é oportuna a existência de um Livro da Associação (ou um para cada Ramo), em que serão registrados os fatos de maior importância. Neste Livro poderá ser recolhida a assinatura de alguma visita à sede da Associação, nome dos que prestarem compromisso, etc.

Caso a Associação tenha grande número de fotografias, estas poderão ser colecionadas em Album à parte com pequenos registros elucidativos.

O Livro de Frequência o Livro da Associação e o Album de Fotografias foram, em seu conjunto, a fonte onde poderemos obter os dados históricos da Associação, que cada vez mais aumentarão de valor à medida que passarem os anos.

No referente à organização financeira é essencial a existência do Livro de Registro do Patrimônio, em que serão anotados os pertences não consumíveis ou de difícil depreciação.

Sob a orientação do Tesoureiro deverão ser anotadas em linhas gerais a Receita e a Despesa da Associação. O livro indicado é o Livro Caixa, onde não deverão ser especificados, e sim reunidos em parcelas maiores, os gastos e arrecadações diminutas.

Na parte de Secretaria são essenciais o arquivamento dos Pedidos de Inscrição e das Fichas Individuais.

Os Pedidos de Inscrição deverão ser preenchidos pelos Aspirantes e assinados por seus Pais logo nas primeiras reuniões, para que a Chefia tenha logo os dados essenciais sobre os mesmos.

As Fichas Individuais poderão ser elaboradas por ocasião da Promessa, quando o rapaz ingressa definitivamente no Escotismo.

Há ainda uma parte de registros, que é o acompanhamento das provas de classe, mediante quadros afixados em local visível para conhecimento de todos.

Antes de concluirmos que remos fixar dois pontos de grande importância:

1.º — De nada adiantarão estes registros se não estiverem permanente-

mente atualizados, pois o acúmulo de fatos a registrar trará como consequência um registro deficiente e trabalhoso. Uma verificação periódica é essencial.

2.º — Os registros são realmente necessários: cada Associação Escoteira bem organizada administrativamente poderá verificar com segurança os seus sucessos e dificuldades, no passado, no presente e no futuro.



Livro de Jogos

Eis como o Ch. «Rato Sábio», no mensário dos Escoteiros de Portugal, «Sempre Pronto», faz a apreciação do «Livro de Jogos», que a União dos Escoteiros do Brasil acaba de publicar:

LIVRO DE JOGOS, organizado por Boto Velho, 2.ª edição. Edição da União dos Escoteiros do Brasil. 141 páginas. Ilustrado.

A U.E.B. continua a enriquecer a sua biblioteca com obras destinadas a valorizar os milhares de Escoteiros do país irmão, e não podemos deixar de aplaudir tão belo esforço, com o qual, nós, os «do lado de cá», também aproveitamos pela comunidade da Língua.

O livro do «Boto Velho» é reedição do que em 1928 esse distinto oficial do Exército brasileiro publicou, sendo o primeiro que em português, se publicou sobre jogos escotistas.

Sempre foram os jogos o fulcro do Escotismo, pois o próprio B. P. assim o definiu dizendo-o «um jogo». E é pena que tantos E. C. se esqueçam desta verdade, transformando tantas vezes os seus grupos em conjuntos de autómatos ou de soldados a fingir, esquecidos de que o Escotismo tem, acima de tudo o mais, uma função formativa e educativa, mas que, para se retirar a esta toda monotonia, os jogos são o que de princípio se impõe a todo o E. C. consciencioso e que não seja pedante.

É certo que o fato de tantas vezes se improvisarem os chefes (defeitos muito português e filho dos vícios da nossa educação secular), tem sido o responsável pelo fracasso de tantos que viram o desinteresse levar o desânimo ao coração dos seus rapazes, comprometendo o futuro do grupo.

Mas a instituição duma Escola de Chefes, ou, pelo menos, de Cursos Experimentais de pequena duração, será remédio a tomar em consideração se se quiser que o Movimento progrida e se alcance o elevado fim a que êle visa. O Escotismo será o que forem os seus Chefes: daqui não áh que sair.

Ora, o livro de «Boto Velho», pela clareza da sua linguagem e criteriosa seleção e agrupamento dos jogos, pode prestar relevantíssimos serviços ao Escotismo português, nêle encontrando os E. C. muitas sugestões para improvisarem outros, novos jogos, cada vez mais jogos, que insuflam vida nova aos seus grupos. Nos seus 17 capítulos encontramos jogos dos mais variados, desde os de educação dos sentidos até aos de aplicação da agilidade e fôrça, dos de observação e memória aos de observação, dos de energia e equilíbrio aos do estudo da Natureza, jogos noturnos, jogos náuticos, etc.

Conhecedor de alguns dos melhores livros de jogos escotistas publicados em França, na Inglaterra, na Suíça e na América, encontramos nêste muitos nossos velhos conhecidos, e com isso rejubilámos, pois «Boto Velho» tornou conhecidos dos nossos rapazes (que por via de regra são duma ignorância confrangedora no que respeita à bibliografia escotista estrangeira), muitos belos jogos, com que desde agora poderão deliciar-se, quer na sede, quer no campo, dando largas ao seu irrequietismo ou às suas curiosidades naturais pela Natureza que os cerca, fazendo de verdade do Escotismo «um grande jogo» e levando a alma, para poderem na vida ser homens integrais e não apenas aqueles bonecos. — B. P. chamou-lhes, sangrentamente, **macocos** — que nós a cada passo topamos na rua.

A União dos Escoteiros do Brasil e o "Dia das Nações Unidas"

O "Dia das Nações Unidas" é uma celebração grata ao coração de todos os Escoteiros.

O elevado objetivo do entendimento e cooperação entre as Nações, que constitui a razão de ser da Organização das Nações Unidas, é o mesmo ideal de amizade e compreensão entre os Povos cultivado pelo Escotismo desde seus primeiros anos.

Amando firmemente à sua Pátria, para cujo serviço se preparam moral e fisicamente, os Escoteiros sentem que seus deveres de Bons Cidadãos transcendem dos limites territoriais de seus países para se afirmar no plano mais alto do entendimento fraterno entre os Povos.

Sabemos que os ideais e sentimentos das gerações jovens constituem um elemento importante na formação da consciência coletiva da humanidade. Sinceros, generosos, puros, desprendidos e entusiastas, os jovens representam a esperança futura de um mundo melhor. Seis milhões de meninos e rapazes de tôdas as nações, raças e credos, unidos no mundo inteiro através do Escotismo, representam uma considerável força de opinião universal que atua diretamente como vínculo de união entre os homens.

Ao ensêjo dessas comemorações, devemos divulgar por todos os meios e modos que a ONU não é somente os debates e acôrdos de alta transcendência que se lêem nas notícias dos jornais; mas também os trabalhos normais e constantes realizados todos os dias pelos vários órgãos especializados, que resolvem importantes questões relativas à educação, cultura, ciência, trabalho, infância, saúde, alimentação, etc. preparando assim o advento de um mundo mais feliz e mais próspero.

Lembremo-nos de que a Carta das Nações Unidas principia com as seguintes palavras: "Nós, os povos das Nações Unidas..." Isto quer dizer que essa carta não representa um compromisso entre Governos e sim uma promessa de cooperação entre os Povos. Nestas condições cada um de nós não pode negar sua participação pessoal na responsabilidade de criar e manter um clima favorável ao superior entendimento e cooperação entre Nações.

Os Escoteiros realizam praticamente êsse objetivo. Unidos pelos mesmos laços morais, consubstanciados na PROMESSA e na LEI, constituem uma grande FRATERNIDADE ESCOTEIRA MUNDIAL que é uma verdadeira cruzada de amizade e compreensão. Intercâmbio permanente de relações pessoais, estudo de problemas mundiais, visitas, acampamentos internacionais, como o que realizamos êste ano em São Paulo, transformam os Escoteiros em verdadeiros Embaixadores de Amizade, contribuindo para a formação de um ambiente de bôa vontade entre os homens, paz e felicidade para o Mundo.

Saudamos com entusiasmo e confiança todos os servidores da nobre causa das Nações Unidas.

José de Araujo Filho

Comissário Nacional dos Escoteiros do Brasil



O Método de Educação Escoteira

J. FLORIANO DE PAULA

O Escotismo se enquadra nos princípios da Escola Ativa. O menino é, aqui, o próprio agente de sua educação. Move-o interesse permanente na execução dos programas. O chefe é o companheiro mais experiente que orienta e auxilia a solução de problemas difíceis. Companheiro que sabe dosar sua autoridade, efetiva entre os lobinhos, vigilante entre os escoteiros, paralela entre os pioneiros.

Para atingir os fins propostos, possui o Escotismo meios seguros. O espírito de aventura da criança, seu gosto pelas exterioridades, suas características de independência, seu desejo de vencer, são guiados por um sistema completo de atividades, em que o jogo e a imitação ocupam lugar de destaque, ao lado da conquista de graduações, insignias, distintivos.

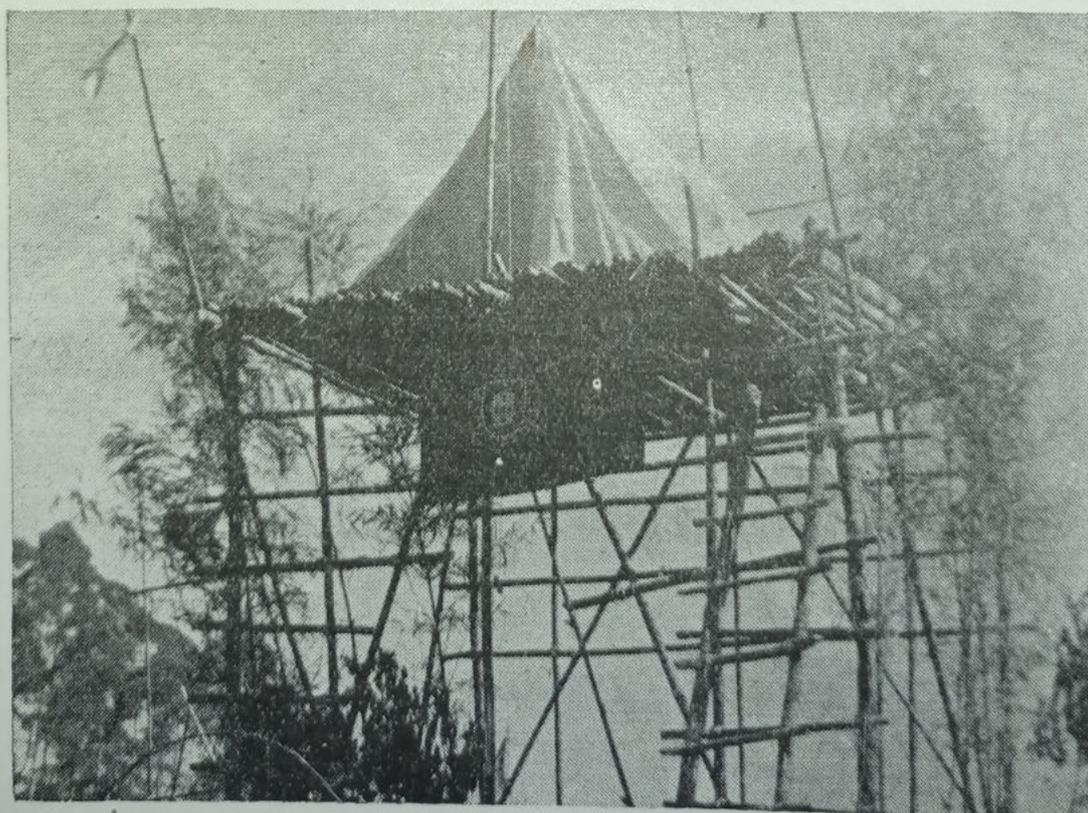
Individualmente transpõe o escoteiro as provas de classes, adquire especialidades, consegue postos. Para tanto emprega o esforço próprio, escolhe as oportunidades, age subordinado apenas ao seu interesse. Mas socialmente tem o egoísmo natural controlado pelo «espírito da patrulha», pelos ideais

de associação, pelos fins da instituição escoteira, consubstanciados na Promessa e na Lei.

O processo de educação escoteira se manifesta, assim, em situação total: congrega todas as capacidades individuais para o desenvolvimento do menino e faz com que este crescimento se dê em colaboração com o aperfeiçoamento do grupo.

Psicológicamente, os três ramos do Escotismo seguem as três fases essenciais do desenvolvimento humano: o estágio de aquisição e experimentação para o lobinho, o estágio de organização e de elaboração de valores para o escoteiro, e o estágio de produção para o pioneiro. Aliada aos interesses correspondentes a estas fases de desenvolvimento (promovem as atividades escoteiras a formação integral do menino, decrescendo no mesmo sentido a autoridade do chefe.

Os processos são essencialmente individuais; mas a convergência de valores humanos resulta numa expressão social profunda, bem característica da educação escoteira.



Ecoss do A.I.P. — Barraca suspensa dos escoteiros portugueses.

Nunca é tarde para aprender

OTO LARA REZENDE.

Diz, o povo, na sua sabedoria, que nunca é tarde para aprender. E assim é, na verdade, porque o saber, chegue na idade que chegar, tem sempre valôr e serventia -- e não ocupa espaço, como diz outro provérbio.

Há muitos exemplos de cidadãos ilustres que, entre nós, só foram conhecer a escola primária em plena juventude, ou na idade adulta. E nem por começarem tarde aquilo que outros iniciaram cedo, na idade mais própria, deixaram de servir-se do que aprenderam e até de projetar-se entre os que mais sabiam. Um houve que, tendo conhecido o ABC já entrado nos vinte anos, chegou a governador de um Estado do Norte — e nem por isso foi menos prudente e empreender que os outros, que se alfabetizaram a seu tempo.

O que importa, acima de tudo, é a vontade de aprender, que está sempre seguida do desejo de progredir. E essa vontade, se é bôa e forte como deve ser, nunca será vã, porque quem quer — e sabe querer — alcança.

Veja-se, como ilustração, o caso que os jornais noticiam e que sucedeu na Itália. Stilisano Rocco, da Calábria, conta hoje, noventa e três anos, não menos. Até um ano atrás, Stilisano não sabia o que era uma escola, pelo menos de experiência própria. Nunca aprendera a ler e nunca, a dizer a verdade, como reza seu testemunho, tinha pensado em instruir-se.

Sucede, porém, que apareceu, lá onde reside Stilisano, um jovem professor, dedicado à causa da educação, fôsse de crian-

ça ou foses de adultos. O velho Rocco, com seus noventa e dois anos (pois a história começou à um ano), não teve dúvida em frequentar, também éle, as aulas de alfabetização. Para espanto geral, Stilisano aprendeu a ler rapidamente e fez tais progressos, no curso, que, em doze meses, pôde apresentar-se par exames e obter o seu certificado.

Acrescenta a notícia que o ancião surpreendeu, particularmente, o professor de História, por suas recordações pessoais, sobre os últimos anos de Napoleão II, sobre a guerra dos boers e sobre os fatos e gestos ligados a Garibaldi, a cujos funerais assistiu com a idade de 22 anos..

E' possível que Stilisano Rocco não viva ainda por muitos anos, dada a sua avançada idade. De qualquer forma, porém, nunca se poderá dizer que foi inútil o seu desejo de aprender, que éle pôs em prática, aprendendo de fato. Se outros benefícios não lhe trouxesse a alfabetização, em idade tão avançada, ficaria ao menos êsse de servir de exemplo aos adultos do mundo inteiro que, não tendo frequentado escola na infância, só muitos anos depois encontram a oportunidade de se alfabetizarem. Stilisano Rocco é um símbolo e deve ser exemplo para os desanimados ou os sem razão, envergonhados da própria ignorância.

No Brasil, a Campanha de Educação de Adultos, com os seus cursos espalhados por todos os Estados, oferece à todos os adultos, homens e mulheres, essa oportunidade que teve, na Itália, com a presença de um jovem professor, um ancião de noventa e dois anos de idade.

CURSO DE RELAÇÕES HUMANAS EM CINCO PASSOS

- 1 — Cinco palavras importantíssimas:
"Sinto me orgulhoso de Você".
- 2 — Quatro palavras úteis:
"Qual é sua opinião?"
- 3 — Três palavras importantes:
"Faça o favor".
- 4 — Duas palavras:
"Muito obrigado".
- 5 — A palavra menos importante:
"Eu".

(De "Relações Humanas", que Fernando Sabebien dirige).

As Dez Regras Fundamentais de um Chefe

(Pelo Cel. J. B. Ladd, em "The Army Officer". Trad. e adaptação do Chefe Th. Castello)

1.^a — Seja um Chefe Alerta. Conheça os seus graduados. Trabalhe com discrição e justiça.

2.^a — Seja um Chefe competente. Conheça bem o seu programa. Tome decisões rápidas e precisas. Formule projetos exátos e exequíveis. Dê ordens claras e completas.

3.^a — Seja um Chefe eficiente. Mantenha a unidade de chefia, a cooperação, e o esforço combinados. Fomente, entre seus graduados, especialmente, a confiança mútua, a coesão e a iniciativa. Execute as decisões e ordens das entidades superiores com ação inequívoca e vigorosa.

4.^a — Seja um Chefe leal. Leal às tradições e bom nome do Movimento e fiél ao cumprimento da Lei.

5.^a — Seja um Chefe íntegro, digno de absoluta confiança. Apoie seus graduados, fazendo-se credor de sua confiança. Seja pontual.

6.^a — Seja um Chefe inflexível e benevolente. Cultive o caráter, o respeito, a cortesia, a boa vontade, a urbanidade, a tolerância, a dignidade e o tato. Trate seus graduados com a mesma consideração que você exige deles.

7.^a — Seja um Chefe resolutivo. Constitua-se um exemplo de energia, de entusiasmo, de honra e da mais pura moralidade em tua Tropa. Seja o melhor Escoteiro.

8.^a — Seja um Chefe disciplinado. Convença-se de que, dedicando-se com afinco ao trabalho e à disciplina inflexível, você multiplicará as vitórias e dominará os insucessos.

9.^a — Seja um Chefe ativo. Esteja sempre precavido. Proteja seus esco-

teiros e vele por eles dentro e fora da Tropa. Um bom chefe tudo prevê.

10.^a — Seja um Chefe inatacável. Cumpra seu dever com exatidão, pontualidade, justiça e responsabilidade. Converta suas prédicas em prática. Só ou a frente de seus escoteiros, na sede ou no campo, no lar, na rua, no escritório ou na oficina, lembre-se sempre de que alguém lhe observa as atitudes, tomando seus atos e palavras como exemplo. E você, assim procedendo, será digno da missão que o Escotismo lhe confiou: — formar homens bons, justos, cultos e desprendidos para a Pátria.



“Sempre Pronto e a Revista Alerta”

Nossos amigos do «Sempre Pronto», mensário dos escoteiros de Portugal, referindo-se a Revista «Alerta!», publicaram o seguinte tópico, que agradecemos:

«Por motivo das suas muitas ocupações, mesmo na obra escotista, onde ocupa o cargo de Comissário de Organização, deixou a direção da Revista «Alerta!», o Chefe David M. de Barros, delegado do «Sempre Pronto», no Brasil.

Na direção desta interessante Revista, órgão oficial da União dos Escoteiros do Brasil, o Chefe David de Barros prestou relevantes serviços, imprimindo-lhe todo o entusiasmo da sua alma escoteira.

A Assumiu a direção da Revista, o Chefe João Fernandes Brito, dirigente escoteiro com larga fôlha de serviços e que já dirigiu uma secção de Escotismo num diário brasileiro, a quem «Sempre Pronto» saúda com votos de bons êxitos na espinhosa missão que agora assume».

Para às Patrulhas

Tipo de Avenuras

Início: 8 horas:

20 minutos — 1.^a — Uma patrulha encontra numa estrada quatro pessoas feridas num desastre de auto e as remove em tipos de macas, diferentes e improvisados. (Percurso de 20 metros com os pacientes, obedecendo à técnica de transporte de feridos).

(5 minutos).

20 minutos — 2.^a — A patrulha é perseguida por um touro bravo; enquanto um dos elementos enfrenta o animal os demais sobem numa árvore, alçando por cordas um companheiro ferido; recolhem a seguir, rapidamente o companheiro "isca" e descem pela extremidade de um galho para um campo cercado por alta sebe de espinhos, baixando de modo conveniente o ferido e recolhendo a seguir o cabo à moda escoteira.

(5 minutos).

10 minutos — 3.^a — Uma patrulha, em incursão por uma floresta, encontra em determinado local cerca de trinta objetos espalhados, indicativos da presença ali de tropa "inimiga"; observa tudo em um minuto e retira-se para local abrigado e faz uma relação completa do material, em cinco minutos, mandando entregá-la à P. E.

(5 minutos).

40 minutos — 4.^a — Uma patrulha chega à notinha a certo local e é ameaçada por um grande temporal; arma imediatamente as barracas, desfaz o equipamento e recolhe-se às barracas; todavia é informada pela sentinela de "inimigo à vista"; no escuro (todos de olhos vendados), recolhem o equipamento e desarmam as barracas, preparando-se para a retirada imediata.

(5 minutos).

30 minutos — 5.^a — As CINCO COVAS DO EGITO — A patrulha en-

contra no local um planta topográfica, onde cinco pontos estão marcados pelas letas EGITO; orientada a carta pela bússola, observada a escala, trata de descobrir o que ia escondido nos referidos pontos; a valiação das distâncias deverá ser feita por dois processos: estádia, e passo aferido; encontrado o ponto inicial (que somente os patrocinadores sabem), será a parte restante descoberta pelas indicações encontradas aí, utilizando-se, sempre que possível, os sinais de pista escoteiros. Área de raio de 40 m. no máximo.

(5 minutos).

15 minutos — 6.^a — A patrulha encontra um "estafeta" morto, o qual ainda teve tempo de pedir por escrito: "Transmita esta mensagem, em morse e semáforas, para não haver dúvidas, ao acampamento que está além do morro (a patrulha tem que estabelecer os devidos postos a uma distância de 50 metros do local e fazer a transmissão da mensagem escrita pela turma patrocinadora; com caracteres no máximo em 10 minutos).

(5 minutos).

30 minutos — 7.^a — A patrulha chega ao fim das "aventuras", acende o fogo em fogão improvisado e faz café para oferecer aos patrocinadores

Total: 195 minutos ou 3 horas 15 minutos (de 8 às 11h.15 min.). Encerramento às 11 h. e 30 minutos.



...e não se esqueça de colocar
no seu bernal um pacote de

BISCOITOS AYMORÉ

A Nobre Missão do Monitor

GABRIEL SKINNER

QUALIDADES INDISPENSÁVEIS A UM MONITOR

Monitor! Para seres um verdadeiro Monitor deverás:

— Ser no mínimo escoteiro de 2.^a classe e ter prática pelo menos de um ano de escotismo;

— Possuir uma boa dose de iniciativa e decisão;

— Ser simpatizado pelos seus escoteiros, inspirando-lhes uma grande confiança e consideração, pela evidencia de teus conhecimentos e marcante capacidade moral;

— Tomar sempre precauções elementares que evitem aborrecimentos por imprudências ou travessuras.

Por exemplo: — impedir a negligência de algum escoteiro da Patrulha no cumprimento de incumbências recebidas; — manter a ordem e a disciplina nas formaturas e quaisquer outras reuniões ou atividades levadas a efeito; zelar pela boa apresentação de tua patrulha, pelo garbo e correção dos uniformes, asseio e conservação de peças e de equipamento e de tudo mais que estiver a teu cargo, dando tu mesmo o exemplo, para que teus escoteiros assim procedam; — tomar antecipadamente as providências que se fizerem necessárias, por ocasião de excursões, acampamentos,, etc.

— Finalmente, auxiliar — aliviando o Chefe duma série de preocupações, por isso que, tem êle já um rôl de outros afazeres, além de muito em que pensar.

Tudo isso será fácil Monitor amigo, se observares estas três simples e pequenas regras:

1.^a — Sê um modelo mais que perfeito para teus escoteiros, evitando cuidadosamente cometeres falta de paciência, presunção, etc. Dirige **inteligentemente** teus companheiros, apelando sempre para o espírito de colaboração de cada um. Serás sempre obedecido si conseguires te impor pelo próprio exemplo: — saber também obedecer para saber mandar.

2.^a — Ter o cuidado de manter, dentro da mais perfeita camaradagem, ascendencia moral sôbre teus escoteiros, emulando-os, afim de que tua patrulha esteja sem-

pre à vanguarda das outras, mas sem êsse espírito que provém das competições partidárias. — **«Não nos quebrem o esforço, nem nos esfriem o ardor as dificuldades que nunca faltam às grandiosas construções do Bem. Sirvam-nos, antes, de estímulo, como antecipada medida do triunfo final».**

3.^a — Ensina teus escoteiros a porfiarem na luta do Bem contra o mal; que saibam desembaraçar-se das dificuldades, em tôdas as circunstâncias, senhores de si mesmos.

Êles precisam possuir caractéres firmes e rêtos, para que sejam ditosos e sintam a verdadeira alegria de viver!

A PATRULHA

E' norma no Escotismo deixar-se à cada Patrulha, à cada Monitor e à cada Escoteiro, ampla liberdade de ação nas respectivas iniciativas.

De resto, os regulamentos e em particular **«O Sistema de Patrulhas»** — livro básico que todo Monitor deve ler — reconhecem uma grande autonomia.

Sob tua direção, terá ela características próprias, suas tradições, seu regulamento especial e privativo, sua caixa e seu material.

Em troca dessas vantagens, é natural e justo que se possa e deva considerá-la responsável coletivamente (por seus atos e eficiência, mesmo os de cada um em particular.

«Todos por um e um por todos» deverá ser um dos principais artigos dêsse Código amigavel que a todos deve unir.

Na vida da Patrulha se não deve preocupar o escoteiro em **brilhar** individualmente... isto é egoismo!

E' mistér que, cada um, vá se habituando ao sacrificio do egoismo, para fazer triunfar o verdadeiro espírito de patrulha que é o que cumpre zelar e exaltar para eficiência do conjunto.

«A união faz a fôrça»; numa partida de futebol por exemplo, vence sempre a equipe que melhor soube combinar seu fôgo,

àquela cujo **capitão** pôde imprimir melhor disciplina, a que maior rendimento útil apresentar por ter cumprido a risca a técnica que lhe foi ministrada pelo treinador.

E o que é bom neste particular para um **time**, se-lo-á também para uma patrulha.

Atenta bem para este ponto de capital importância, Monitor amigo: nos anos que hão de vir, o nosso querido Brasil lutará mais dificilmente ainda, se não nos habituarmos ao trabalho por equipes, ao trabalho em íntima ligação com as outras coletividades, no envés de continuarmos a agir «**inteligentemente**» cada um por si...

A organização escoteira previu na sua ate-visão, o mundo moderno, criando a patrulha, esta equipe que, reunida a mais três, forma um Grupo escoteiro que bem se parece ainda a uma colméia, onde o trabalho disciplinado é sempre produtivo.

Eis a oportunidade que se te apresenta de porés **mãos à obra** em pról da grandeza e prosperidade de nossa Pátria.

Numa patrulha, a camaradagem sòzinha não satisfaz; é preciso que se construa uma sólida amizade.

Faz-se tudo por um amigo, quando, po-

rém, se trata de um simples companheiro accidental, as mais das vêzes, contenta-se o indifferente em dizer:

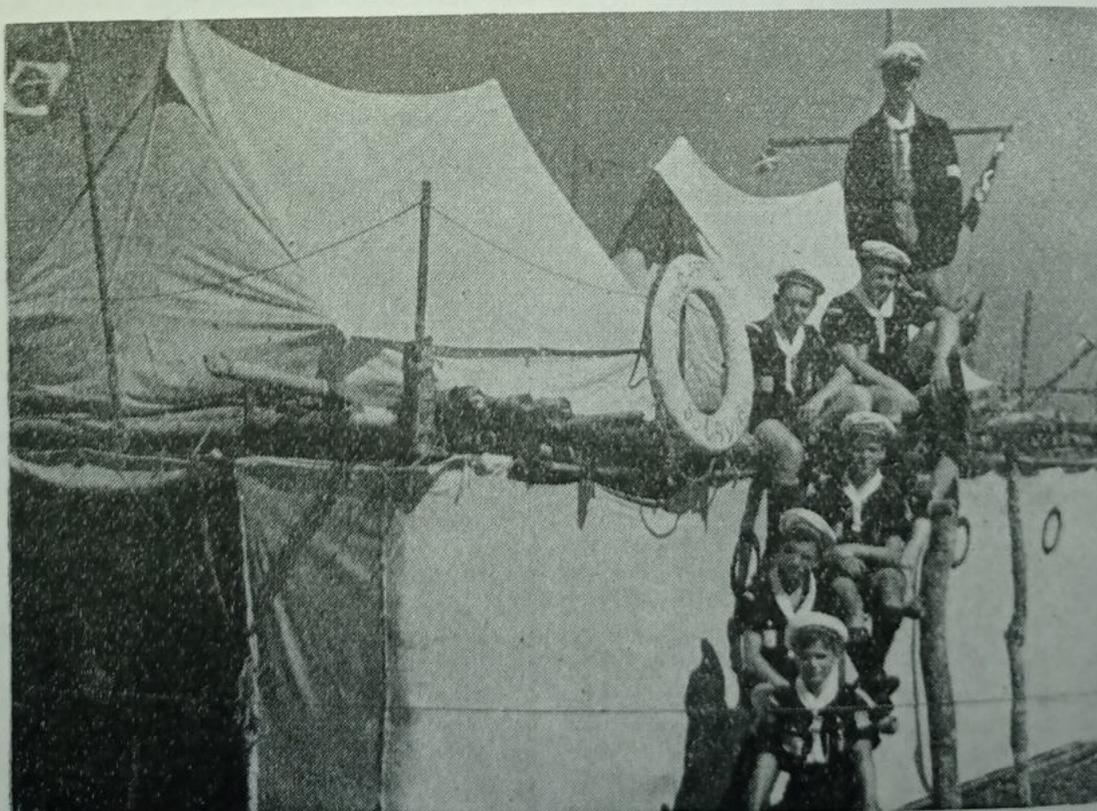
— Isto é lá com éle... que se arran-ge...

São termos que se escuta frequentemente...

A amizade entretanto, forma a unidade de ação, ela multiplicará a eficácia de tua Patrulha. A amizade dificilmente nascerá, se te limitares a ver teus escoteiros sòmente nas horas das reuniões oficiais, ou tão só quando tiveres de aplicar sanções ou censuras; esforça-te por manter contato frequentemente com teus escoteiros, não só por meio de reuniões na séde do Grupo, ou fóra dele, mais ainda por visitas que farás aos parentes dos teus escoteiros.

Ao lado dos meninos componentes da Patrulha, alguns aspirantes poderão ser admididos a fim de que se processe sua iniciação no escotismo: terás de velar especialmente por éles para que se ambientem tão pronto quanto é de desejar. Entretanto cada aspirante deverá ficar ligado à um escoteiro antigo, no mínimo já noviço, que se encarregará da missão de instruí-lo.

«Trabalha e confia».



Ecos do A.I.P. — Escoteiros do mar de S. Paulo numa pose especial para esta Revista.

A Sementeira

HUGO BETHLEM.

A obra da educação para ser completa deve começar no lar. A primeira expressão de vida, deve corresponder um ato educativo, firmando numa sequência lógica e o mais inalterável possível, para que a vida da criança vá num crescendo de aperfeiçoamento, para o seu bem e o da coletividade. No entanto, o meio social quando é heterogêneo, formado sem uma tradição única de pensamento e de ação, a criança passa pelo lar sem ser educada. Ela é muitas vezes, castigada pelo que faz de errado mas não é conduzida através seu mundo imenso de imaginação e de mistério, para a prática do bem e da virtude.

Entre nós, o problema em larga escala, se apresenta assim. A escola é quem tem uma larga missão educativa, influenciando indiretamente na ação da família, e com ela as organizações, como o escotismo, que serenamente executa, uma das mais completas tarefas de aperfeiçoamento das novas gerações. Justamente, porém, para que sua ação seja completa, importa que comece o mais cedo possível. Daí, o valor extraordinário do lobismo. Na idade em que menino ingressa no ramo de lobinhos, que entre nós pôde ser aos seus anos, sua mentalidade em completa formação, seu sexo indefinido, seu caráter plasmável, permitem ao chefe hábil conduzi-lo através sua promessa a um tal aperfeiçoamento técnico e moral, que forma em definitivo, não só o alicerce de sua vida futura, como garante a continuidade do menino no movimento escoteiro.

Cabe assim ao chefe de lobinhos uma grande missão. Importa saber cumprí-la. Antes de tudo, é preciso lembrar que nesta idade o menino é vibrátil e delicado, é suscetível e assustado é alegre como um pássaro e buliçoso com um rato; não aceita a rispidez nem a rigidez, não compreende uma linguagem complicada, nem presta atenção a doutrinação; não se mantém em forma nem gosta de ficar parado, nem abstrai nem executa por explicações teóricas. Para êle, a verdadeira escola é a do exemplo e tudo faz por imitação. O Akelá tem que ser um indivíduo — homem ou mulher — consciente de sua tarefa em suas atitudes, um simples e entusiasmado, alegre e comunicativo, capaz de se tornar criança quando dirige seus lobinhos. Os jogos, a ginástica, as provas de classe,

devem ser ensinadas e praticadas por imitação, com uma linguagem fácil e atraente histórias com um muito até certo ponto fantástico para prender a atenção do menino nesta idade.

Êle precisa compenetrar, que é de fato o menino-lobo; e o ritual da selva, o grande uivo, as fábulas de fundo moral, e as de mais sutilezas da doutrina, avivam o seu espírito, o entusiasmam, o animam e o tornam magnífico em moral e em valor. É preciso movimento, ação, alegria, incutindo um espírito de virilidade ao par de um ambiente de proteção e confiança, exaltando o estímulo e os bons sentimentos; preparando-o enfim para a sua missão como escoteiro, em que o sexo já o torna sensivelmente masculino, quando suas lendas exigem fatos concretos, fazendo-o compreender o sentimento patriótico e tendo orgulho em ser útil à Pátria a qualquer momento. O movimento de lobinhos é a sementeira do escotismo. Dêle é que saem os melhores elementos, nêle é que está o seu alicerce mais forte. E como a necessidade de carinho e proteção que o menino nesta idade ainda sente, torna a mulher naturalmente apta ao papel de Akelá, êle toma reflexos grandiosos, porque incute nela a necessidade de uma educação viril do menino, e porque a liga ao movimento escoteiro, que uma consciência de missão a desempenhar para a grandeza e segurança da Pátria, a faz compreender em sua mais sublime missão — a maternidade — a importância capital de incutir em seus filhos, os ideais que sublimam na Promessa — o acendrado espírito patriótico que anima ao sacrifício da vida — e na Lei — que é o ideal da Fraternidade — como elevação espiritual por um trabalho profícuo e tenaz, em favor da paz e segurança nacional.

ESCOTEIROS!

- Cumpram o artigo 9.º
da Lei, depositando suas
economias na CAIXA ECO-
NÔMICA FEDERAL DO RIO
DE JANEIRO

P E S A D Ê L O !

EUGENIO E. FPISTER
C. Ad. — D. C. C. G.

Eu estava numa longa fila de ônibus. Um dia ensolarado. Enquanto enxugava o suor de minha testa ia lendo as últimas notícias e comentários no jornal. Atrás, e na minha frente, um grande número de pessoas se entreteriam em conversas que variavam desde o resultado do último jogo do campeonato mundial de futebol, a situação política nacional e internacional, o último filme, as cousas triviais da existência, até as últimas conquistas no terreno da física nuclear. Assim mesmo, reinava relativa calma, entrecortada apenas, pelo anúncio estridente de jornaleiros, vendedores de bilhetes de loteria, doces, frutas, etc.

Eis que, de repente, aquele ambiente bucólico é interrompido pela aproximação lenta mas progressiva do ruído de tambores. Todos os olhares convergiram para a direção de onde vinha o som. Pararam as conversas. A leitura de jornais foi interrompida. Certamente tratava-se de um destacamento militar. Não era não! Contornando a esquina vinha um grupo de meninos suarentos, com mochilas nas costas, tocando tambores desafinados. Na ponta uma figura exótica, de culote e perneiras, carregando displicentemente uma bandeira nacional, toda remendada, num mastro que mais lembraria um anúncio de uma tinturaria.

Atrás a «banda marcial». Dois ou três marmanjos, não me lembro, bem, que se esforçavam em produzir em cornetas alguma marcha dificilmente identificável... Mais atrás vinha uma formação algo curiosa que empenhava-se em parecer algo «militar». Alguns tocavam tambores, outros contribuíam apenas com o jogar desengonçado dos braços. Traziam nos cintos uma grande quantidade de objetos, dos mais diversos, desde canecas, pratos, facas, machados, canivetes, cantis, lanternas, etc., etc. É claro que não faltavam as clássicas «salsichas» de cabos finos enrolados meticulosamente. Nas mãos, aqueles poucos que não tocavam tambores, traziam os mais variados embrulhos. Uns traziam um maço de jornais numa das mãos e um enrolado de lonas, na outra. Deviam ser muito pesados pelo esforço que transparecia em seus rostos. Outros vinham arrastando enormes sacos de amiação, cujo conteúdo, a julgar pelo ruído que produ-

ziam, devia ser de panelas e utensílios de cozinha. Bastões enormes balouçavam de lado a lado, não raramente esbarrando em transeuntes curiosos. Procurei identificar os uniformes mas não conseguir. Calções e camisas de tôdas as côres. De perneira, um ou outro, usava culote ou calças compridas. Os lenços variavam de vermelho até côr de abobora, alguns desbotados, a maioria sujos e dobrados de qualquer jeito. Meias de tôdas as côres, tipos e tamanhos. Os chapéus certamente tinham tomado parte, recentemente, num concurso em que a oca mais ondulada seria a premiada. Tenho certeza de que o juiz teve muito trabalho em escolher o vencedor.

Um pouco mais atrás vinham, quase correndo, alguns meninos menores que traziam uma blusa que talvez tinha a intenção de ser branca. Usavam boinas. Fiquei horrorizado ao imaginar a intenção dessa parte do «desfile». Certamente seriam Lobinhos...!

Ao lado daquele aglomerado heterogêneo, que algumas pessoas mais sagazes da fila, (eu não), identificou como uma tropa de Escoteiros, marchava uma figura não menos grotesca que o conjunto. Metido em calças compridas que deveriam ser azuis, com um dolman que algum dia deve ter sido caqui, uma gravata algo semelhante a verde e sapatos que se esforçavam em terem sido de verniz. Na boca trazia um apito. Mal barbeado, com os cabelos pela testa, gritava uma torrente de ordens estridentes, cujo resultado visível era aumentar a confusão já existente.

No seu peito luziam várias filas de estrelas e medalhões.

Qual não foi meu pânico, quando se puzeram no fim da fila. Os tambores que tinham silenciado por minutos fizeram se ouvir novamente numa autêntica batucada. Os «Escoteiros», espalharam seu «material» pelo chão. Corre daqui, corre de cá e o «chefe» continuava bradando ordens sem resultado perceptível. Ninguém conseguiu mais ler ou conversar. Espantados todos olhavam aquela cena.

Senti ímpetos de tirar da lapela de meu paletó a flôr de liz. Imaginem minha vergonha se alguém descobrisse que eu também pertencia «àquilo»!

Depois de longa e paciente espera chegou o ônibus. A «tropa» também coube dentro, em pé. Foi um tal de mochilas e estoques, embrulhos, latas, panelas, bastões, tambores, mastros, barracas, lonas, chefes, etc., etc. sobrando por todos os lados. Quando o ônibus partiu vislumbrei uma oportunidade para que se reabilitassem. iam cantar! Porém... cantaram só sambas e marchas carnavalescas. Era uma lastima!

Creio que movido por algum recalque maçoquista não pude deixar de seguir aquela turma quando desci do ônibus. Pelo caminho, até o campo, continuaram a ensaiar os seus tambores e cornetas a arrastar o seu material mal acondicionado. O chefe, já meio rouco, continuava a dar suas ordens e mais ordens.

Chegaram finalmente ao campo. Numa algazarra tremenda começaram a armar em círculo aquilo que julgavam ser barracas. Foram armados alguns tripés e em panelas amassadas e furadas foi feito um café ou algo que valha. Sentados em grupos, em meio de grande algazarra, já tarde da noite, os meninos comeram seus parcos lanches.

Pouco depois foi aceso o fogo de conselho. O chefe falou, falou, falou e falou. Uma porção de coisa sem nexos, apologias, a lei escoteira, a expressão da verdadeira virilidade representada por toda aquela falta de conforto e higiene, etc., etc. Os meninos estavam inquietos, alguns outros dormiam. Quando o chefe finalmente, já quase a meia noite parou a sua arenga, anunciou a parte «alegre» do fogo. Eu fiquei pacientemente escondido atrás da moita que me abrigava já por horas.

Começaram então a cantar alguns sambas, tudo desafinado e pecando pelo mau gosto. De permeia algumas piadas «salgadas», que provocaram enorme hilariedade. Aquela algazarra prolongou-se até perto das três horas da manhã, digo madrugada.

A noite estava fria. Nem bem as cinco horas da madrugada começaram as primeiras gargalhadas numa ou noutra barraca. Não era, mais evidentemente, possível dormir. Levantaram-se antes das seis com caras sonolentas e começaram a preparar o seu café. Cada escoteiro recebeu um pedaço de pão amanhecido.

Finalmente levantou o «chefe». Mandou todo mundo entrar em forma e até as oito horas ficou, de apito na boca, dando «ordem unida». Içaram a bandeira nacional.

Ato continuo jogaram futebol durante duas horas. Embrenharam-se depois no mato e cortaram tudo que encontraram pela frente para experimentar algumas facas e machados novos.

Pouco antes do meio dia o chefe, depois de muitos berros, conseguiu reunir a turma e ficou durante mais de meia hora lendo passagens do «Guia do Escoteiro».

Depois fizeram seu «almoço». Isso alguns, porque a maioria se ocupava com brincadeiras tolas; trepar em árvores, balançar em cipós, etc. Comeram quase as três horas da tarde. Ninguém lavou as mãos. Chapéu na cabeça, comer com facão porque esqueceu o talher, em tampas de caldeirões os que esqueceram os pratos. Mesmo com a mão alguns comeram porque não tinham nem talher nem facão. Todos acharam graças, alguns os imitaram e o chefe se divertiu muito com isso.

Sem nenhum descanso continuaram as atividades «escoteiras» jogando mais um jogo de futebol cheio de caneladas e impropérios. Depois desarmaram o acampamento. O campo ficou cheio de cascas de frutas, latas vazias, papéis, fogueiras acesas, etc., etc. e lá se foi a tropa de volta. Pouco antes de voltar o chefe congratulou-se com todos por mais uma «atividade».

Foi nesta altura que acordei. Estava suando. Sentia-me angustiado. Felizmente tudo aquilo tinha sido um pesadelo. Realmente, não seria mais possível encontrar tropas assim. Afinal tanto esforço tem sido dispensado para tornar o Escotismo entre nós Maior e Melhor!



Próximas Atividades Internacionais

Reunião da Equipe Internacional de adestramento — Em Gilwell Park, Inglaterra, de 31 de agosto a 2 de setembro de 1954.

II Acampamento Centro-Americano — Em San Jorge Muxhal, de 2 a 9 de dezembro vindouro.

Reunião de Comissários Internacional — Em Helsink, Finlândia, ainda este ano.

Acampamento Nacional de Cuba — Em Havana, de 20 a 31 de dezembro de 1954.

VIII Jamboree Mundial — Canadá, Niagara-on-the Lake, Ontário — 18 a 28 de agosto de 1955.

XV Conferência Internacional Escoteira — Canadá — agosto 29 e 31 de 1955.

II — Indaba Mundial de Chefes — Holanda, 1956.

IV Conferência Interamericana de Escotismo — Brasil, 1957.

Grande Jamboree do Centenário de B. P. — Inglaterra, 1957.

UMA RECEITA DE LIDERANÇA

A lição de Everest — Como se encontra a felicidade — Vencer ou fracassar ...

Por SIR JOHN HUNT
(Chefe da expedição inglesa
ao Himalaya)

O desejo de conquistar montanhas é apenas um aspecto do eterno espírito de busca do homem, o lado irresistível da aventura. Essa explicação contudo não satisfaz inteiramente. Muitas pessoas acham que não deveriam procurar a aventura, só necessária no passado bárbaro, mas que temos bastantes provas disso, e que, em nossa era científica, deveríamos aplicar-nos a desenrolar e a aperfeiçoar as mil e uma comodidades da civilização. Essa, devo dizer logo, não é minha opinião.

Houve época em que nossos ancestrais eram presas de réptis, dragões e outros animais, ferozes. Na Inglaterra temos como nosso padroeiro São Jorge, que representamos sempre em luta contra um desses monstros, e cuja vitória, celebramos todos os anos a 23 de abril — aniversário de Shakespeare. Essa época passou. Esses reptis antidiluvianos foram afugentados pelo progresso. Mas em seu lugar há um dragão mais sinistro ainda — criatura que é o próprio produto dessa chamada civilização. Não é mais nos lugares selvagens que ele se esconde e sim no conforto de nossos lares. Representa um perigo bem maior do que seus antecessores, para vencê-lo, necessita-se da coragem de um São Jorge — pois ele se chama Desespêro.

—
Talvez seja um símbolo bizarro de nossa época, mas o fato é que quanto mais temos, mais desejamos; quanto mais obtemos, mais desiludidos e infelizes nos tornamos. No fim, o Desespêro nos devora. Ao contrário, as provações, os perigos, os sacrifícios e as grandes horas vividas em comum proporcionam um espírito de equipe e de altruísmo, que traz por sua vez a felicidade.

! Não pretendo propôr aqui um remédio universal, para todos os problemas que nos assaltam hoje, em nosso lares e no mundo; acho que alguma de nossas preocupações nos pareceriam menores ou desapareceriam mesmo, e teríamos um senso melhor dos

valores, se adotarmos atitude diferente ante a vida. Essas preocupações, mesmo que nos oprimam, podem fazer nascer em nós o espírito da aventura. O mundo de hoje, tem mais do que nunca necessidade dêsse espírito que incitou o homem em outras épocas, a deixar de lado a segurança para lançar-se ao desconhecido. Estou certo que pondo de lado as conversações e os superfluos da existência, afastando-se alguns tempos da civilização, para reencontrar a solidão, uma vida simples em lugares estranhos e desertos, que aprenderemos a dar o verdadeiro valor às coisas.

A ascensão do Everest ilustra humildemente êsse espírito, e do que é êle capaz. Quando se anunciou em Londres que Tensing e Hillary haviam chegado ao cimo, muitas pessoas interpretaram essa vitória como realização exclusivamente inglesa. Algumas mesmo se interessaram apenas por êsses dois homens que chegaram ao tôpo da montanha mais alta do mundo e alguns mal informados sôbre o espírito, nêsse empreendimento, procuram saber qual dos dois havia chegado primeiro, para aclamá-lo vencedor.

Contudo, essa estreiteza de idéias foi vencida, e reconheceu-se o empreendimento como obra de equipe, excepcionalmente unida. Nós mesmos, enquanto preparavamos a expedição, e depois mais tarde, enquanto falavamos de nossa maravilhosa sorte, no Campo 4, em 30 de maio, atribuímos o sucesso a razões muito maiores. Pensávamos em todos aqueles que tinham contribuído para nosso êxito com inúmeras e valentes tentativas nas plataformas que protegem o ponto mais alto do mundo.

—
A medida que volto a pensar nessa ascensão ao Everest, compreendo melhor sua importância na história das conquistas humanas. Êsse feito não é devido apenas a dois homens, nem à nossa expedição, nem ao esforço combinado de onze expedições, a êsses homens fiéis, robustos e alegres que

carregam fardos, mesmo nos pontos mais altos, e que elevaram seu talento de alpinistas ao ponto de ser um dos dois que teve lugar entre escolhidos para ir até o cume da montanha. Depois de ter tomado parte na Expedição de Lambert, em 1952, que atingiu um ponto situado, a apenas algumas centenas de metros do topo. Tensiní conseguiu alcançar esse topo no ano seguinte com Hillary, simbolizando assim o papel desempenhado por seus compatriotas nessa longa luta.

É preciso mencionar também todos aqueles que contribuíram para arranjar equipamento, víveres e provisões, e todos os que forneceram dinheiro e tomaram as disposições necessárias. Acho também que a ascensão do Everest foi influenciada em grau incalculável pelo apóio moral de milhares de pessoas que, sem deixar seus lares, viam contudo cada tentativa, esperando e rezando por seu êxito. Penso principalmente nos lamas dos mosteiros de Rongbuk e de Thyangboche, que ficam situados na sombra dessa grande montanha.

Um dos fatores enfim da vitória foi o espírito de equipe. Chegamos ao cume do Everest, porque tínhamos unidos nossos esforços para atingir esse ideal. Pouco nos importava saber os que o destino designaria para cumprir essa tarefa, contanto que fosse cumprida. A mensagem profunda e eterna dessa grande realização é o valor da camaradagem — camaradagem sem distinção de raças ou de crenças, forjada pelas provações e pelos perigos de alpinismo.

Devemos procurar nos jovens a coragem para abordar os problemas de nossa época. É uma qualidade que não se pode cultivar no conforto e na segurança, e que não se nutre absolutamente de aventura contadas pelos livros, pelo cinema ou pela televisão e sim da vida difícil e perigosa.

Devemos desenvolver hoje em todos os jovens a coragem e a camaradagem, a despeito, ou principalmente por causa da marcha da civilização. Temos necessidade de jovens chefes que saibam incitar seus companheiros à luta contra o dragão, que chamamos Desespêro, pois a força e o nível elevado de uma comunidade depende do número e da qualidade de seus chefes.

Se queres uma receita de liderança, devo dizer isto. Para desenvolver as qualidades de chefe, precisas procurar uma tarefa difícil para cumprir, alguma coisa que desafie tuas aptidões pessoais e que tenha ao mesmo a atração da aventura. É preciso que encontres companheiros, para o ajudar no

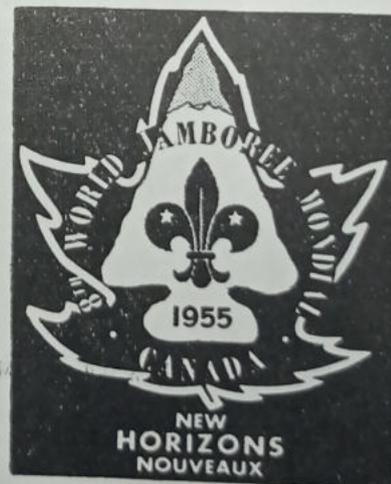
empreendimento. Fazei juntos os preparativos, e lançai-vos depois à tarefa de corpo e alma. Quer o resultado, seja vitória ou fracasso, tereis ganhado algo infinitamente, mais útil e preciso que a própria realização.

Logo que voltamos do Everest, perguntaram-me: — «Valeu a pena?» Respondi: — «Não, se se encara apenas a gloriosa conquista, se medela tirar a lição, de tenacidade e de coragem que devia inspirar a geração jovem de hoje e todas as gerações futuras.

Há pouco mais de um ano, dois homens, um, Tensing, da Ásia, o outro, Hillary, do Ocidente estavam juntos no cimo mais alto do mundo. Cada um deles deixou aí uma oferenda simbólica em sinal de sua crença na mão auxiliadora de um Poder maior que o deles.

Uma vez que o esforço tenaz e paciente de um punhado de homens do Oriente e do Ocidente, unido na busca de um objetivo tão nobre como a conquista do Everest, e apoiado nêsse ideal por muitos, e por um espírito superior, pôde conduzir à vitória, espero que possamos da mesma maneira apelar para essa força espiritual a fim de resolver os problemas menos elevados, mas mais urgentes, de nossa época tão profundamente conturbada.

(Transcrito do «Correio Paulistano»).



8.º JAMBOREE ESCOTEIRO MUNDIAL

Em 1955 vai se realizar no Canadá o 8.º Jamboree Mundial Escoteiro, cujo lema é «Novos Horizontes», e do qual é a insignia que acima publicamos.

O Escotismo como Método de Formação Integral

PE. JOÃO PENHA

H. G. Elwes, falando aos educadores assim se expressava: «Se procurardes só desenvolvimento do corpo, tereis formado um magnífico animal. Ora, isto é assunto que interessa mais aos criadores e não à educação. Se vos ocupardes, unicamente, em desenvolver o cérebro caireis no risco de produzir um espírito falso e perigoso; e se pretenderdes vos dirigir unicamente à alma, dentro de pouco tempo os rapazes terão fugido de vós. Uma educação verdadeiramente científica, deve se dirigir ao mesmo tempo à alma, ao espírito e ao corpo.

Essa opinião, de Elwes é amplamente desenvolvida no livro de P. J. Savin «Equilibre et Santé».

Apesar de ser também êsse o modo de pensar de muitos dos educadores modernos, poucos, muito poucos, se interessam pelo real problema da educação, procurando por lá descoberta tôdas as suas facetas. Prefere-se, antes o comodismo de uma formação unilateral, fator predominante nos estabelecimentos de ensino. Parece haver maior preocupação no atual método de ensino, antes em ministrar do que em educar. Mas não se fracciona impunemente a educação; e o resultado deste divórcio criminoso entre instrução e educação é o fracasso das nossas escolas, em larga escala no seu papel de preparar homens. Felizmente os nossos educadores vão pouco a pouco se compondo dessa grande verdade; e não se abre um livro de psicologia ou um tratado de educação baseado nas mais recentes descobertas da psicologia sem que não se faça a constatação.

O que aos olhos de muitos parece novidade, é pouco a pouco uma demonstração daquilo que há cinquenta anos Baden Powell, punha com base do seu método; e que só agora está se tornando realidade.

Mas o que faz o escotismo sobressair a todos os outros métodos de educação, é que êle toma o jovem ao mesmo tempo, como meio e como termo de sua educação. «O escotismo, com efeito, tendo, a tornar cada rapaz individualmente feliz e socialmente útil e isto favorecendo a expansão de seus recursos físicos, intelectuais e morais. Porque, êle se idirge não a tal aspecto abstrato da personalidade infantil, mas ao

ser humano completo — atividade, afetividade, inteligência». (Henri de Bouchet, Psych. du Scout).

O método do escotismo é uma pedagogia de uma extrema riqueza porque baseada no real, na verdadeira natureza, da criança e do adolescente. Não é preciso muito para convencer a quem quer que seja da excelência dêste método. Não era razão que Baden Powell chamava seus escoteiros de «vanguardeiros», isto é: desbravadores de caminhos.

Lecoch, depois de um estudo comparativo sôbre os diversos métodos educativos assim se expressa: «Estou convencido que neste problema de uma educação mais em concordância com as preciosas aquisições da psicologia moderna, só o escotismo é capaz de cumprir verdadeiramente sua missão de vanguardeiros da educação. O escotismo traça caminho para uma concepção mais imediata e mais real do jovem. O escotismo é uma antecipação das mais recentes descobertas da psicologia».

Nos estudos feitos ultimamente pelo Centro d'Études Laennei sôbre a psicologia do adolescente, estudos êstes enfechados em um volume sôbre o nome de «Probleme Sexuel de 1.º Adolescence», o ds. Barbe afirma secundado por outros a necessidade premente de um método educativo o qual entusiasme os jovens, os afastando da natural inclinação para os excessos sexuais da puberdade. Esta mesma opinião poderemos encontrar em termos altamente científicos no livro de René Biot — *Medicine et Sexualité*.

Um outro testemunho ainda mais concludente é do Pierre Mendousse nome não só respeitável como cientista, mas ainda como educador. Não desejamos tecer comentários sôbre as palavras de Mendousse por si só esclarecedoras.

A propósito da puberdade, assim fala Mendousse:

«Antes de tudo, é preciso fornecer sem interrupção, à atividade do adolescente interesses, ocupações capazes de o distrair da obsessão sexual. Os exercícios, os jogos, os trabalhos manuais, são como as excursões, coleções de plantas e animais, poderosos derivativos. A diversão é tanto mais completa quanto mais se pode utilizar os

gostos e as aptidões de cada um (Mendousse — Le Ame de 1.º adoloscencent.).

Falando da fraternidade dos adolescentes:

E' certo que um adolescente incapaz de amizade durante alguns anos que seguem o advento da puberdade tem pouca chance de esquecer para sempre alguns dos fins desinteressados que são o privilégio da consciência humana.

O autor sublinha ainda evidentemente o sentimento de honra e a eficacidae dos sistema educativos nos quais a confiança ocupa um lugar de escolha.

— O sentimento de honra é uma das bases mais sólidas sôbre as quais se pode fundar a educação da juventude. (P. 50).

Enfim, falando sôbre o jôgo:

Entre os modos de atividades susceptíveis de exercer influência sôbre os adolescentes, não há um outro mais salutar e eficaz que o jôgo. O jôgo pode tornar-se um processo de educação incomparavel quando fundado sôbre uma concepção sôbre a personalidade adolescente e do partido que daí se pode tirar para o bem geral.

Continua Mendousse; foi compreendendo isso, que Baden Powell descobrindo o que se poderia tirar de um rapaz de tóda idade, fundou na ilha de Browsea o primeiro grupo de escoteiros. Jamais organização pedagógica alcançou uma tão grande amplitude...

E êle conclue estas linhas dizendo: O escotismo constitue um jôgo, por sua natureza, educativo, onde a vida ao ar livre a comunhão com a natureza e o exercício de tódas as faculdades asseguram ao mesmo tempo a formação espontânea e metódica de uma personalidade tão rica quão equilibrada.

Se desejarmos mais alguma coisa de convincente, e só abrir o tratado do caráter de Emanuel Mounier. Aí o escotismo é exaltado como o melhor método educativo capaz de dar uma formação humanista completa e que deve ser tomada como paradigma de tódas as escolas de Bélgica

De tudo que vimos, podemos tirar duas conclusões:

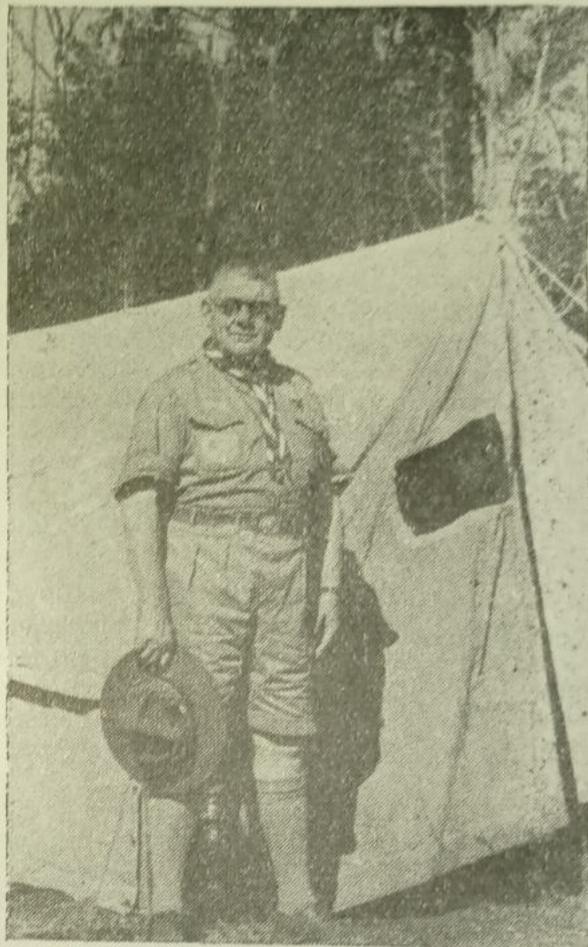
O método escoteiro quando bem aplicado é uma pedagogia de extrema riqueza, porque baseada no real, na verdadeira natureza da criança e do dolescente.

Por essa especial qualidade, o método escoteiro de nenhum modo é indiferente à formação de um cristão.

Esta segunda conclusão será objeto de um novo estudo que faremos em torno do livro do dominicano Reginald Héret-La Loir Scout, comenteire Laprés Saint Thomas d'Aquin.

Renascimento

Ao Floriano, de calças curtas



Chefe Dr. Floriano de Paula, membro do Conselho Nacional da U.E.B., elemento de grande valor no escotismo mineiro.

O' Musa avara e crassa que me furtas
A rima certa, lídima e cabal,
Que mostre o Floriano em calças curtas,
Com sua lente grossa e bifocal.

Escotismo maluco! Como encurtas
Os anos desta vida tão banal...
Vou me esconder num matagal de murtas
Para gozar a cena magistral.

O próprio Baden-Powell, de sarampo,
Apanhado e curado em pleno campo,
Não deu exemplo tão convincedor.

Eis palavras de Deus que faço minhas:
— Se não viverdes como criancinhas,
Não entrareis no Reino do Senhor.

Lélio Graça, agosto de 1954.

Bons e Maus Acampamentos

NUM BOM ACAMPAMENTO

O Chefe sabe os resultados que êle produz e caminha direito para êsse objetivo.

O Chefe dirige tudo com tato, compreensão e bom humor. E' obedecido com espontaneidade.

O Chefe não se contardiz; prevê o que deve ser feito e faz o que foi previsto.

Existe um horário, que é cumprido.

O silêncio é completo após a ordem de recolher; ninguém ousa perturbá-lo; os monitores fiscalizam as barracas de suas patrulhas;

Os Escoteiros estão habituados a agir rápida e energicamente: nada é tolerado que permita a quebra dos princípios e do caráter: tempos vagos dentro das barracas, despertar atrasado, compra e abuso de gulodices, etc.

Há um programa ativo, variado e movimentado. Os Escoteiros aprendem mil cousas e preparam ou fazem as provas de classes e especialidades.

Os serviços são distribuídos judiciosamente; uma escala e um rodizio justo evitam a arbitrariedade e o constante apêlo «à boa vontade». Os escoteiros fazem bem, rápida e completamente os trabalhos, sem ser necessário repetir as ordens várias vezes.

O Chefe assegura-se do cumprimento das suas instruções, por uma séria inspeção diária.

A limpeza é permanente e feita a qualquer hora no dia; o terreno está limpo. O material e utensílios da cozinha são limpos imediatamente após às refeições.

Os Regulamentos são os mesmos e aplicados a todos, indistintamente; não há favores e permissões, porque se é «amigo do cozinheiro» ou da «patrulha de serviço; reina verdadeira justiça.

Não há rixas nem disputas. A Lei da Fraternidade é seguida à risca.

Os Escoteiros esmeram-se em aperfeiçoar as instalações, dando provas de iniciativas, habilidade e perseverança.

As palestras do Chefe são expressivas, adequadas e claras — conduzem os escoteiros à prática do verdadeiro Escotismo: cumprir o dever para com Deus e a Pátria, ajudar ao próximo e obedecer à Lei Escoteira.

NUM MÁU ACAMPAMENTO

O Chefe (?) não merece êsse título pois é um acampador vulgar, ignorando o que póde obter do acampamento.

O Chefe (?) é dirigido por todos e nada diz ou quando diz, não é obedecido.

O Chefe (?) comanda a torto e a direito; ora «deixa correr» por ser impotente, ora grita e encolerisa-se. Haverá horário? Talvez! Mas ninguém o segue e os Escoteiros não sabem o que fazer.

Apesar das repetidas ordens de «Silêncio», «calem a bôca», etc. os Escoteiros (?) continuam à rir, falar e fazer barulho.

O Acampamento desperta tarde, devido à desordem da noite. Os Escoteiros ficam horas e horas «metidos» nas barracas. Não há o hábito de sair **imediatamente** das barracas ao 1.º apito de despertar.

Não há programa estabelecido. Não se sabe o que fazer e nada se faz.

A menor instrução é considerada como um castigo. Os Escoteiros (?) não ambicionam passar de classe. Dada a incapacidade organizadora do Chefe (?) só há o recurso da «boa vontade» dos voluntários. O resultado é que são sempre os mesmos a «se matarem até cansar!»

Tôdas as ordens são discutidas. Não há exemplo de um trabalho realizado completamente e até o fim.

Percebendo que é incapaz de se fazer obedecer, o Chefe (?), prefere não verificar a execução das ordens, o que tornaria público sua pouca importância e nulidade.

Há papeis e lixo por tôda a parte; as barracas não são arrumadas; cosinha-se em utensílios sem higiene; os escoteiros (?) adquirem hábitos de «porcos».

Os Escoteiros (?) lançam mão dos viveres a todo o instante. **Peior para os outros, se não sobrar.**

Como se come a tôda e qualquer hora, há casos de febres e indisposições; as refeições são feitas no chão e em desordem.

Habitados a fazer o que querem, os Escoteiros (?) não conhecem nem respeitam regulamentos nem ordens. Cada um vive para si! Há discussões acirradas nas quais as expressões: «não é verdade»... «é mentira»... «preguiçoso» e outras piores... imperam.

A Lei é a «do menor esforço». Os Escoteiros (?) não perdem tempo e energia em trabalhar por que isso... cança!...

O Chefe (?) que não teve autoridade para dirigir a parte material do acampamento, muito menos poderá dirigir a parte moral. Suas palavras, o vento leva.

O Acampamento segue à matroca e os Escoteiros acabam por se convencer que o Ideal Escoteiro «não é para êste século».

J. GUÉRIN DESJARDINS.

O D E V E R

Por LEON DENIS

O Dever é o conjunto das prescrições da lei moral, a regra pela qual o homem deve conduzir-se nas relações com seu semelhantes e com o Universo inteiro. Figura nobre e santa, o dever paira acima da humanidade, inspira os grandes sacrifícios, os puros devotamentos, os belos entusiasmos. Risonho para uns, temível para outros, inflexível sempre, ergue-se perante nós apontando a escada do progresso, cujos degraus se vão sumir em alturas incomensuráveis.

O dever não é idêntico para todos; varia segundo a condição e o saber. Quanto mais nos elevarmos, tanto mais a nossos olhos ele adquire grandeza, majestade, extensão. Seu culto é sempre agradável ao virtuoso, e a submissão às suas leis, fértil em satisfação íntimas e inegaláveis.

Por mais obscura que seja a condição do homem, por mais humilde que pareça a sua sorte, o dever lhe domina e enobrece a vida, esclarece a razão, fortifica a alma. Ele nos traz essa calma interior, essa serenidade de espírito, mais preciosas que todos os bens da terra, e que podemos experimentar no próprio seio das provações e dos revezes.

O dever tem múltiplas formas: há o dever para conosco, que consiste em nos respeitarmos, em nos governarmos com sabedoria, em não querermos e em não realizarmos senão o que fôr digno, útil, e belo; há o dever profissional, que exige o cumprimento consciencioso das obrigações de nossos cargos; há o dever social, que nos convida a amar os homens, a trabalhar por eles, a servir fielmente o nosso

país e a humanidade, há o dever para com Deus...

O Dever não tem limites. Podemos proceder cada vez melhor, e na imolação de si próprio a criatura encontra o mais seguro meio de se engrandecer e depurar.

A prática constante do dever nos leva ao aperfeiçoamento. Para apresentá-lo, convém que nos estudemos primeiramente a nós mesmos, com atenção submetamos os nossos atos a um exame escrupuloso, porque ninguém pôde remediar o mal sem o conhecer.

Podemos nos estudar até em outros homens. Se algum defeito em outrem nos impressiona, procuremos vê-lo com cuidado, se existe em nós algum germen idêntico e se o descobrimos, empenhemo-nos por arrancá-lo.

Consideremos nossa alma como realmente é, uma obra admirável, porém, imperfeita, e que, por isso mesmo, temos o dever de aformoseá-la e orná-la incessantemente. Esse sentimento da nossa imperfeição nos tornará mais modestos, afastará de nós a presunção, a tola vaidade.

Submetamo-nos à rigorosa disciplina. Assim como ao arbusto se dão forma e direção conveniente, assim também devemos regular as tendências do nosso ser moral. O hábito do bem facilita a sua prática. Só os primeiros esforços custam; por isso, e, antes de tudo, aprendamos a nos dominar. As primeiras impressões são fugitivas e volúveis; a vontade é que é o fundo sólido da alma.

Saibamos governar a nossa vontade, dominar as impressões, e jámais nos deixaremos governar por elas.

Torneio Técnico Baden-Powell

ATIVIDADE DOS ESCOTEIROS SENIORES DA REGIÃO DO DISTRITO FEDERAL

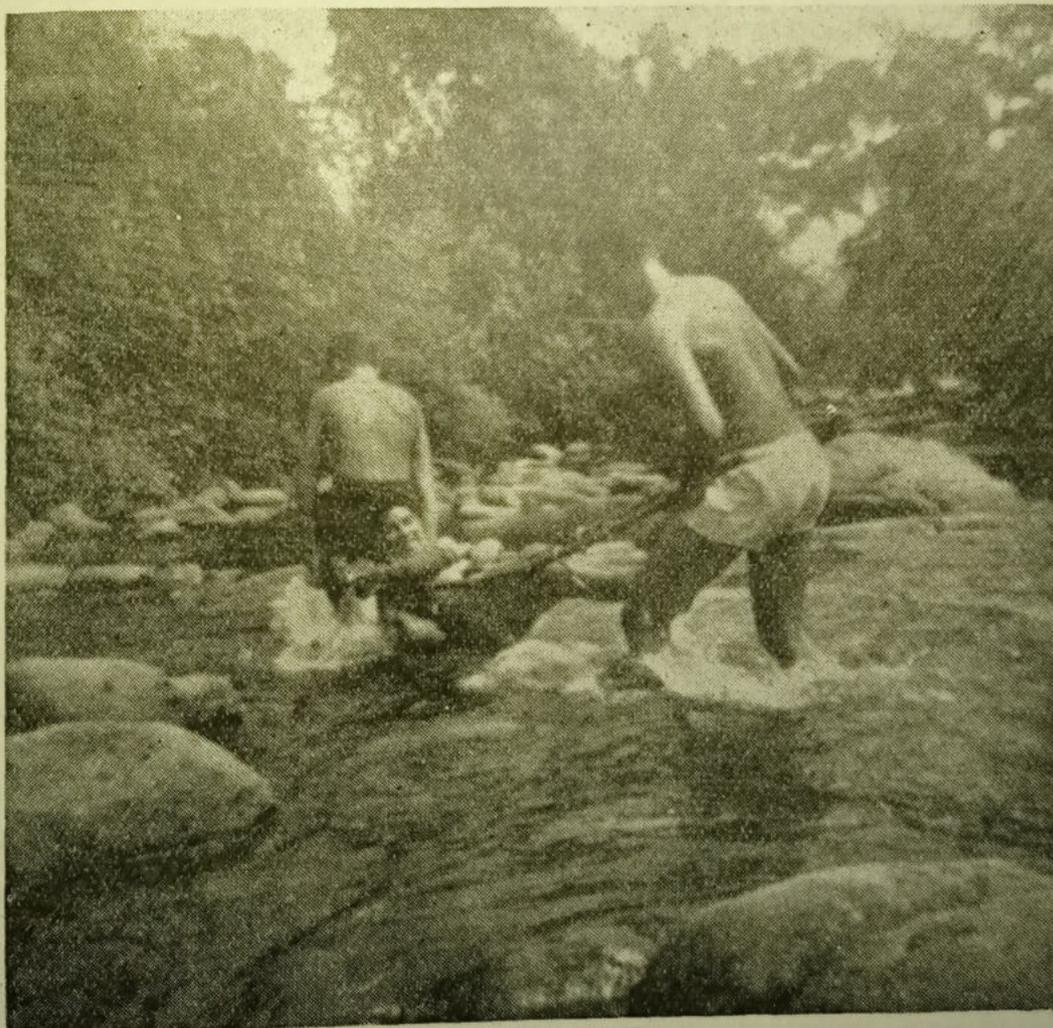
Reportagem de CARLOS DUHAU

Mais uma vez, voltamos à acompanhar os Escoteiros Seniores da Região do Distrito Federal, no seu Torneio Técnico Baden-Powell. Nesta ocasião, levado a efeito nos dias 16 e 17 de outubro, nos Municípios fluminenses de Piabetá e Raiz da Serra, foi organizado e dirigido pelo Assistente do Ramo, Chefe George Lefrançois.

Graças a Deus, já as Tropas Escoteiras desta Região, estão compreendendo melhor e dando mesmo um valioso apóio a todas as atividades programadas pela Entidade Carioca. Nós que vimos de perto as três últimas programações — Dia da Montanha-Torneio Ana Nery e este agora, sentimos o grande entusiasmo com que nós mesmos, os meninos e rapazes se apresentam, numa

demonstração de que as atividades têm agradado bastante, proporcionando coisas diferentes d o que estavam acostumados a executar. O que já é um grande estímulo aos organizadores das referidas atividades.

Pena é que umas poucas Tropas não tenham comparecido a este certame. Naturalmente, os Chefes, ainda não compreenderam bem a grande finalidade apresentada por esses Torneios, em prol de um melhor desenvolvimento da técnica escoteira, o intercâmbio inter-tropas, aprendizagem de novas canções, enfim, de muitos outros conhecimentos e benefícios, que só com essa aproximação nos é lícito adquirir. Enclausurados dentro de suas próprias Tropas, eles fazem um escotismo a parte, todo seu,



Escoteiros seniores da Tropa Anhangá ao atravessarem o rio com o «ferido».



Escoteiros seniores da Tropa Guilhermina Guinle ao atravessarem uma ponte suspensa.

esquecendo-se de aproveitar-se das experiências dos outros, e, o que é mais importante, olvidando que todos nós pertencemos a uma GRANDE FAMÍLIA.

* * *

Desenvolveu-se o Torneio Técnico Baden-Powell, como ficou dito acima, no Estado do Rio de Janeiro. Da programação, constava o recebimento pelas Patrulhas concorrentes, de um envelope lacrado que continha um mapa topográfico do lugar, indicando uma pista a seguir (8 quilômetros, proximadamente), e algumas perguntas sobre sinais convencionais topográficos. Continha, também, uma mensagem «altamente secreta», explicando que um espião havia roubado valiosos documentos de alta importância nuclear e conseguindo escapar, refugiara-se naquela zona. Indicava, a seguir, as características do Espião X, em morse: «Cabelos louros, altura um e setenta e oito, olhos castanhos, dentes perfeitos».

Decifrada esta mensagem, saíram as Patrulhas, com intervalo de 20 minutos, guiando-se tão somente pelo mapa fornecido. Tiveram que medir uma ponte de tábuas sustentadas por cabos de aço (33,30 metros). Após seguirem uns 2 quilômetros, encontram um sinal de objeto escondido, com a seguinte mensagem, em semáfora: «Procurar pista deixada pelo espião». Facilmente verificaram que a pista feita pelo espião consistia em bocados de lã deixados do lado direito da estrada. Essa pista se estendia por uns 4 quilômetros, onde foi achado novo sinal de objeto escondido. Encontraram-se duas nontas. A primeira continha perguntas sobre identificação do sangue arterial, nome das estrelas do Cruzeiro do Sul, os Poderes que constituem o Governo Brasileiro, sobre o cargo mais alto do Comissariado Nacional e a interpretação de alguns sinais de pista. A segunda, estava em código (as vogais eram numeradas de 1 a 5): «Cuidado somos observados, apagar luz 800 metros em silêncio até uma ponte». No final

dos 800 metros, caminhados em silêncio e às escuras, encontram a seguinte nota: «Dé sinal sua chegada êste ponto apitando letra «Z» em morse». Cumprida esta ordem, receberam de um ponto distante, aliás com bastante surpresa, uma mensagem em semáfora com lanterna transmita pelo Ch. Le François: «Seja bemvinda ao bivaque — Alerta».

E, assim, as Patrulhas que recebiam esta mensagem, depois de uma caminhada estafante durante 3 horas, dentro de uma noite escura, à procura de pistas decifração de códigos, medidas de ponte, etc., era com imensa alegria que decifravam esta mensagem.

Nêsses 200 metros finais, é que surgia o espião. Entretanto, parece, que, esquecidos, momentaneamente pelo aparecimento súbito do ponto final de tôda aquela emocionante aventura, as Patrulhas passavam pelo espião sem o reconhecerem.

* * *

Domingo, pela manhã, depois do hasteamento da bandeira e da inspeção dos uniformes, foi feito um concurso de lançamento de uma tora. Despertou bastante interesse, e uma animada torcida.

Seguiu-se uma prova de pioneiria ao terem de cortar uma tora de 25 cm. de diâmetro, num concurso de rapidez e perfeição no corte. Admiramos, nesta ocasião, o trabalho de quipe nas Patrulhas.

Dirigiram-se para um rio a pouca distância do acampamento. Lugar um tanto poético: margens encobertas de árvores frondosas, e o barulho gostoso da água cristalina e pura a descer da serra num leito de pedras arredondadas. Tiveram que atravessar uma ponte de cabo de aço, mas as tábuas que compunham o assoalho estavam completamente podres. A ponte balançava-se medrosamente, e foi preciso um pouco de estímulo, mostrando que não oferecia perigo, porquanto os cabos estavam perfeitos. Terminada esta prova de equilíbrio e sangue frio, concorreram as Patrulhas à prova de transporte de ferido: — confeccionar maca com dois bastões e 15 metros de cabo, e fazer três ataduras no doente (do braço, joelho e da cabeça). Feito isto, atravessaram o rio, por dentro d'água, com o doente na maca. Nesta prova, valia tempo, a perfeição na atadura e na confecção da maca.

Enquanto os rapazes, após tôdas essas provas, se deleitavam num gostosíssimo ba-

nho naquela água fresquinha, a Chefia reunida procurava traduzir em números, os resultados das várias provas a que tinham se submetido as Patrulhas.

Damos, a seguir, as 4 primeiras Patrulhas colocadas com os respectivos pontos obtidos:

- Patrulha da As. Esc. Guilhermina Guinle — 1.^ª colocada com 74 pontos;
- Patrulhas Carajás da As. Esc. Anhangá — 2.^ª colocada com 72 pontos;
- Patrulha Roncador da As. Esc. Anhangá — 3.^ª colocada com 71 pontos;
- Patrulha da As. Esc. Duque de Caxias — 4.^ª colocada com 53 pontos.

E, assim, enaltecemos o espírito escoteiro demonstrado em todo o transcurso de atividade, e em nome da Chefia, agradecemos o comparecimento das Tropas que se fizeram representar, sem as quais não seria possível a realização dêste Torneio.



Exortação

LORD BALFOUR

(Parafraseado do inglês, por Lelio Graça)

Para vingar a insólita arrogância
Ao desafeto, dá-lhe o teu perdão;
Para o teu oponente, a tolerância,
E para o teu amigo, o coração.

Para teu filho, desde a tenra infância
Reserva o reto exemplo e a boa ação;
Para teu Pai, sê filho na constância
De respeitosa consideração.

A tua Mãe — dá-lhe o teu próprio brilho,
Por uma vida tão correta e altiva
Que ela venha a orgulhar-se de tal filho.

Sê, finalmente, amigo da verdade,
No respeito de ti, mantendo viva
Para o teu semelhante, a CARIDADE.

Deveres dos Chefes para com o Movimento

Por VELHO LOBO

HUMILDADE



Essa grande obra a que todos nos entregamos com um calor, com uma paixão de missionários, é uma obra mais do que humana — ela é divina.

Baden Powell, o seu fundador, foi um privilegiado, foi um escolhido por Deus para lançar no mundo a semente dessa organização gigantesca que, assente em bases tão simples, realiza, lenta mas seguramente a regeneração e a felicidade da raça humana. E por isso o escotismo traz em si, como tôdas as cousas divinas, êsses caracter essenciais — é uma obra impessoal.

Os indivíduos desaparecem para não serem mais do que humildes e desconhecidos obreiros dessa grande religião ativa de amor, de honra e de bondade.

E por isso é que não há, no escotismo, lugar para os vaidosos, para os que pretendessem tirar quaisquer proveitos de sua atividade escoteira. Não. Trabalho de sacerdote, os seus obreiros nunca se erguem fazendo pedestal de sua obra.

E o que assim procedesse trairia ao «Movimento».

Representamos ao vivo o apólogo da couve e o carvalho», plantadores de carvalho que somos. Obra apagada agora, sem brilho, oculta, modesta, ela vai mostrar tôda a sua grandeza, todo o seu valor daqui a algumas dezenas de anos, quando os escoteiros de hoje, espíritos impregnados de tôdas as sadias virtudes que ôra recebem, forem os chefes e dirigentes.

E essa humildade consciente, de quem faz uma obra para o futuro, sem esperar louros, é um dos traços mais belos do caráter escoteiro.

DISCIPLINA

Não devemos esquecer que além dos nossos deveres para com os escoteiros, temos

também deveres para com o «movimento», considerado como um todo.

O nosso objetivo é fazer dos nossos rapazes bons cidadãos, no seu próprio interesse e no interesse do país, preparando uma geração de homens viris e leais, cujo entendimento recíproco e o espírito de justiça sejam uma garantia de união na vida interna da nação e de paz externa.

Encarregados do dever de ensinar a obediência e a disciplina, pelo próprio exemplo, devemos nos colocar acima dos nossos sentimentos pessoais e ter bastante elevação de espírito para subordinar nossas próprias opiniões à direção geral do Movimento.

Cabe à nós ensinar aos escoteiros, pelo exemplo, a realizar a sua tarefa no trabalho geral, cada um no seu lugar, com humildade e com firmeza.

Quando, conscientemente, um de nós não pode seguir a direção que os regulamentos nos indicam, a única maneira digna de proceder é dirigirmo-nos às autoridades, apresentar as razões e se não acordarmos, nada mais temos a fazer senão afastarmos do «movimento».

Essas palavras são de Baden Powell. Têm aquele caráter preciso e justo como são, em geral, as sugestões que nos vêm do cérebro privilegiado do «Grande Chefe».

O «Movimento» não pôde perder o caráter de uniformidade que é a sua grande força. Tôda a desarmonia, tôda a indisciplina por parte de um chefe assume um aspecto de deslealdade ao «Movimento».

Devemos calçar os nossos sentimentos pessoais, devemos dominar os nossos orgulhos e vaidades, submetendo-nos, sem duvidar — às determinações dos regulamentos ou das autoridades escoteiras.

Se não tivermos a energia precisa para dominarmos e submetermos-nos, o caminho que a lealdade aponta é o que nos indica o «Grande Chefe»: afastarmos-nos.

E' mil vezes preferível sermos poucos, mas coesos e firmes, a sermos muitos realizando entretanto um trabalho dispersivo.

FRATERNIDADE

Sacerdotes da mesma religião, religião onde cabem, largamente, todos os credos, todos os cultos, tôdas as seitas, não pode-

mos caminhar senão de mãos dadas, unidos para a vida e para a morte por êsses preceitos da mais pura moral, contidos nas nossas leis escoteiras.

A fraternidade, mas uma fraternidade inabalável, deve caracterizar as relações entre todos os chefes, e êsse sentimento só será cultivado tendo por base uma escrupulosa lealdade.

Mas se a lealdade, serve para cultivá-lo só o contáto, o conhecimento, a colaboração, pode-lo-ão iniciar.

Assim pois os chefes devem procurar manter o mais possível relações com todos os camaradas dirigentes de outras tropas.

Em tôdas as obras de colaboração o maior número de incidentes é provocado pela falta de contáto. Colaboradores que se ignoram são como cegos que seguem o mesmo caminho, mas expostos a se desviarem na pri-

meira encruzilhada e a se desconhecem adiante.

Assim temos o dever de manter, de manter cuidadosa e cultivada fraternidade entre nós, evitando lealmente tôdas as causas de desavenças. Devemos reconhecer e dar o devido valor ao trabalho dos que colaboram conosco na **grande obra**, sem egoismos, sem comparações, com o espírito sempre tolerante, pronto a esquecer ou a encarar por um lado melhor as falhas de cada um e procurar corrigi-las, se possível por amor do próprio movimento.

A nossa obra é impessoal, nela as nossas individualidades desaparecem. Somos todos iguais, tijolos de um mesmo muro que será abalado se um de nós fraquejar.

Mas não fraquejaremos.

Demo-nos sempre as mãos e caminharemos unidos, cheios de confiança e fé.



Lealdade ao Movimento

Os Chefes devem sempre re recordar que a lêm de seu dever particular para com os rapazes têm outro, geral, para como Movimento. A nossa intenção de transformar os rapazes em bons cidadãos tende a beneficiar o País, pois assim êste poderá contar com homens viris e dignos de confiança, cuja concórdia e espírito de reticção o mantenham unido internamente e em paz com seus vizinhos.

Investidos com o dever de ensinar a abnegação e a disciplina pela prática e exemplo pessoal, é preciso que os Chefes estejam acima de mesquinhos ressentimentos pessoais, e devem ter um critério tão elevado que os permita subordinar seus próprios pontos de vista a um anorma de pensamento mais alta. Cabe a êles ensinar aos rapazes a serem equânimes, cada um dêles na sua órbita como peças de uma engrenagem de uma máquina. Cara Chefe tem sua esfera de trabalho bem marcada e quanto mais êle se dedica a ela, mais os escoteiros se aproveitam do adestramento dado. E em seguida volvendo os olhos aos

mais elevados propósitos do Movimento ou para os efeitos dêsse trabalho 10 anos mais tarde, poderá aquilatar na sua justa proporção as minúcias do seu trabalho atual.

Quando um Chefe não quer seguir conscienciosamente a linha de conduta referida, a única atitude varonil que deve adotar é confessar isto sem rodeios ao seu Chefe imediato ou à Direção Geral e se não fôr possível, harmonizar as coisas é melhor que abandone o seu trabalho. E' preciso lembrar que ao ingressar no Movimento estava de olhos abertos e que portanto é um pouco absurdo se depois não se satisfazendo com a prática ponha toda a culpa em seus superiores.

Felizmente em nosso Movimento, devido à descentralização pela qual se deixa liberdade de ação às Autoridades locais, diminuimos de muio os trâmites perigosos que sempre causam fricções e queixas em muitas outras organizações. Também temos a felicidade de contar com o Corpo de Comisários e Chefes com amplide de critério e com lealdade ao Movimento.

Baden Powell.

Torneio "Ana Nery"

ATIVIDADE DOS LOBINHOS DA REGIÃO DO DISTRITO FEDERAL

Dando cumprimento ao calendário de atividades da Região do Distrito Federal, foi levado a efeito no dia 10 de outubro p. passado, na praça de esportes do Ginásio da Light, sito na rua José do Patrocínio, 171, o já tradicional torneio técnico para Lobinhos «ANA NERY», que contou com o comparecimento entusiasta de 19 Matilhas.

As provas disputadas foram as seguintes:

Transmissão de mensagem por Morse — 1.º lugar: Matilha azul da Alcatéia Natalino da Costa Feijó. **Jôgo atravessar o Rio** — 1.º lugar: Matilha azul da Alcatéia Natalino da Costa Feijó. **Jôgo de peteca** — 1.º lugar: Matilha preta da Princesa Isabel. **Carta de prego** — 1.º lugar: Matilha preta da Princesa Isabel. **Estafeta** — 1.º lugar: Matilha verde de São João Batista da Lagôa.

No cômputo final, foram classificadas nos cinco primeiros postos, as seguintes Matilhas com os respectivos pontos:

Matilha azul da Natalino da Costa Feijó, 1.º lugar com 21,5 pontos;

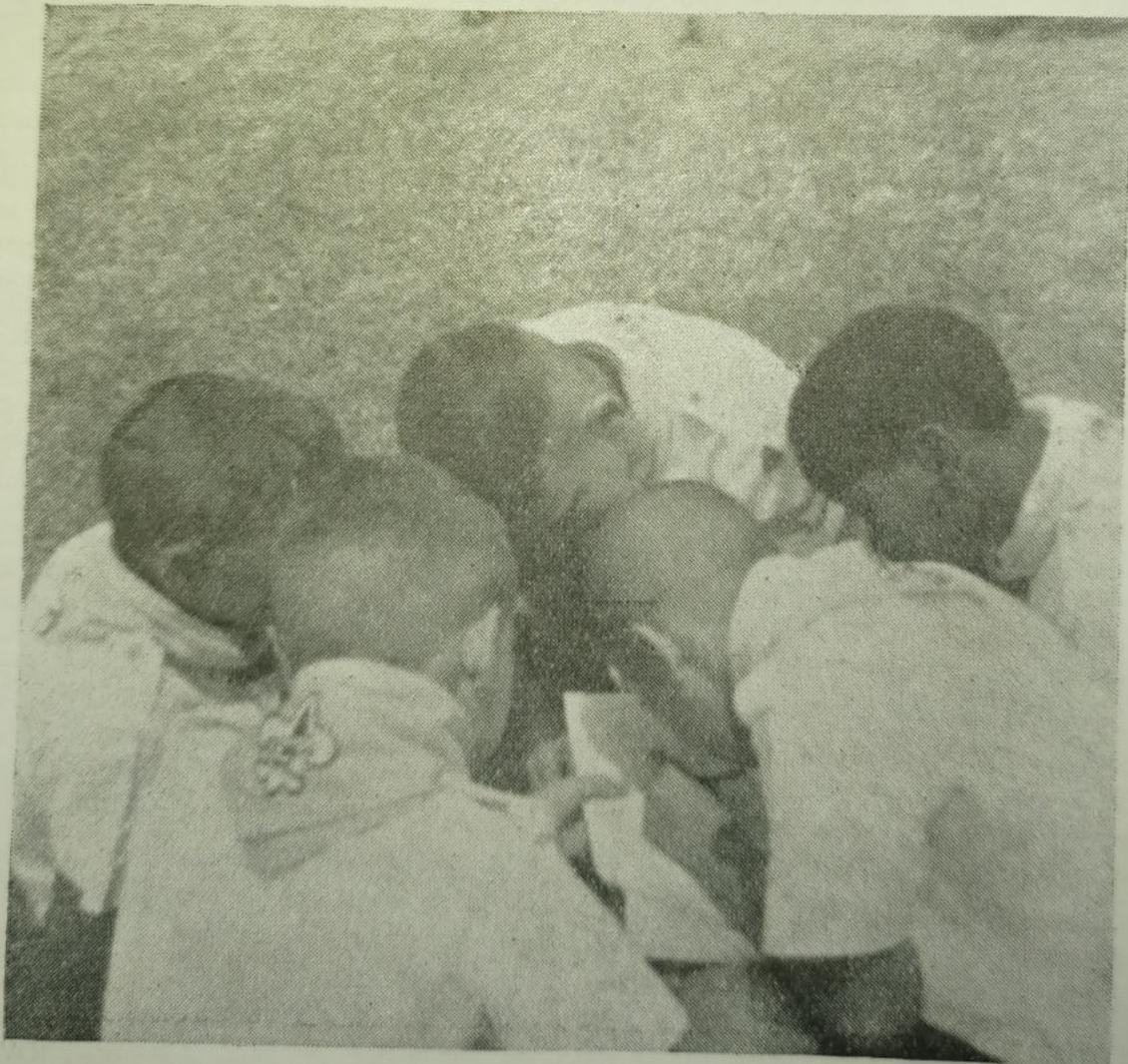
Matilha preta da Princesa Isabel, 2.º lugar com 14,83 pontos;

Matilha verde da São João Batista da Lagôa, 3.º lugar com 13,5 pontos;

Matilha prateada da Guilhermina Guinle, 4.º lugar com 8,33 pontos e

Matilha azul da Alcino Guanabara, 5.º lugar com 6,33 pontos.

A Alcatéia Natalino da Costa Feijó, além da posse por um ano do Troféu ANA NERY, recebeu do Gás Atlético Clube, entidade dos funcionários da Companhia do Gás, um troféu por poses definitiva. Da Região do Distrito Federal recebeu, também, como lembrança, uma bola de voleibol. Aos demais concorrentes foram oferecidos pela entidade Regional, brindes diversos.



Lobinhos da Alcatéia Azul da Tropa Alcino Guanabara, respondendo a «carta de prego».

O CHEFE ESCOTEIRO

OCÜPAR ÉSTE CARGO POR SI OU PELOS ESCOTEIROS?

Carregado como um animal o chefe da tropa escoteira sóbe a escada de sua casa, lança sua muchila ao chão; está radiante e sua família nota logo que o acampamento teve o melhor êxito, pois que êle volta cheio de estusiasmo. Está fatigado, certamente, mas que linda missão as de Chefe de uma tropa escoteira.

Sua tropa escoteira! Um dia lhe disseram.

Eis-te um Chefe Escoteiro. Foi com verdadeira embriaguês que se meteu ao trabalho. Bem depressa quatro patrulhas estavam fundadas. Que alegria, então, sair à frente de «sua tropa escoteira», dirigí-la nas veredas das montanhas, designar-lhe o melhor lugar para acampamento; quanta alegria, também, em organizar as diversas atividades escoteiras onde todos se interessam cheios de alegria. E os concursos? Vê, ainda, suas patrulhas trabalharem forte para conquistarem o prêmio.

«Sua tropa escoteira» está atrás dêle, vibrante. Não tem que fazer senão um sinal, e é compreendido e obedecido. Mesmo as visitas aos pais deixam-me uma boa recordação... «Nós lhe agradecemos muito por se ocupar de nosso filho».

Entretanto, ultimamente, foi obrigado a realizar um Tribunal de Honra e a um escoteiro que tinha faltado à Lei Escoteira. Aí, ainda, que orgulho por ser o guardião dessa Lei... Pensa no último «Fogo de Conselho»; para êle todos os olhares estavam voltados enquanto falava do grande ideal escoteiro. Sente-se Chefe, é o herói de sua tropa escoteira graças à sua experiência de acampador, graças à sua imaginação para interessar, tudo parece fácil... seus camaradas bem o quiseram ridicularizar por se ocupar dos escoteiros, mas a satisfação que experimenta basta-lhe... sua tropa escoteira!

Uma noite, depois do «Fogo de Conselho» um escoteiro retem-no:

— «Chefe, desejo-lhe falar... «artigo 10... a balada prolonga-se. Conversando o Chefe sente-se feliz: o rapaz tem confiança nêle; oh! como êle o estima... Vêem-se mais vezes... mas pouco a pouco alguma coisa muda... o escoteiro acabará por achar que suas conversas são importunas. Um dia êle deixa a tropa escoteira. Por que?... O Chefe Escoteiro sofre. Depois é um outro escoteiro que lhe escreve: «Chefe envie-lhe a minha demissão; eu tinha ne-

tessidade de lhe falar na outra noite quando estive em sua casa, mas o senhor estava ocupado pela festa da tropa escoteira... nada viu... Entretanto, já não tenho mais confiança em si».

O Chefe obstina-se; que são dois rapazes em 30? E apesar disso sente subir em si um sentimento que ignorava até êsse momento, o desânimo. Era desta maneira a gratidão de seus escoteiros? Não tinha, portanto, bem gasto o seu tempo, não tinha feito tudo para dirigir a sua tropa escoteira o melhor possível. Seus camaradas teriam razão. Não valeria mais fazer como todo o mundo?... Procura alguém para abrir o seu coração... talvez o monitor da patrulha dos Leões?... mas êle não compreende nada disto, é muito jovem. Perturbado vai à casa do que lhe havia dito: «Eis-te Chefe Escoteiro», seu Comissário.

Por que vai ali? Em todo o caso a sua carteira de Chefe está no bolso, à mão. Falam durante longo tempo; mas, o Chefe Escoteiro regressa ainda mais perturbado. Uma frase lhe volta à mente a todo o momento: «**Tu tens sido um Chefe Escoteiro por ti.** Êle revolta-se. Ah! não! e tudo a que tem renunciado por seus Escoteiros? Esta última festa que deixou por causa de um Conselho de Chefes? e suas férias do ano passado?... O Comissário não compreende bem, não vê a obra de todos os dias. E apesar disso esta frase o persegue: num esforço de sinceridade procura ver claro. Lembra-se de ter entendido um dia no seu íntimo, uma voz que lhe dizia: **Vai trabalhar por estes rapazes que têm necessidade de ti.** Nêste momento respondeu um pouco aborrecido: «**Mas, eu trabalho, seu Chefe de Tropa escoteira... que caminha.**» E esta voz a ouve de novo: «**Vai, trabalha por estes rapazes...**»

Estes rapazes?... Parece-lhe ver entrar um a um no seu quarto e cada um tem qualquer coisa a dizer-lhe:

Chefe, o senhor não vê quantos maus camaradas da escola me procuram ensinar mal?

«Chefe, como é difícil fazer todos os dias a Boa Ação. O senhor nos falou bem sobre a Boa Ação no «Fogo do Conselho», mas não me falou sôbre a minha Boa Ação...»

«Chefe, eu menti e o senhor me expulsou da tropa escoteira... Mas não sabe que

antes de ser escoteiro ninguém me tinha falado que não devia mentir».

E todos ali estavam passando... O Chefe está na sua mesa com a cabeça nas mãos, acabrunhado... Começa a ver claro: trabalhou por sua tropa escoteira, mas pensou alguma vez em seus rapazes? O orgulho de ter uma tropa escoteira, o orgulho de ser o herói, o Chefe, eis o que tinha impellido a esfroçar-se... Mas quando êle expulsou êste escoteiro, não tinha tentado compreender... e quando o outro lhe veio abrir o coração, só o procurou porque é doce receber confidências... E êle abandonou a tropa escoteira, decepcionado.

Sim, tem seguido o falso caminho, vê claramente agora. Provou sua incapacidade de ser Chefe. Não lhe resta senão abandonar. **«Vai, trabalha por êstes rapazes; êles têm**

necessidade de ti». O apêlo faz-se premente. Não, não pôde mais e mesmo depois desta noite êle os estima, os seus escoteiros. Ah! se pudesse recuperar o tempo perdido, se pudesse guiá-los nas dificuldades que êles encontram... e acender nêles a luz que ilumina tôda a sua vida...

Sim, meu Deus, quero trabalhar por êles e não mais para que me admirem e me testemunhem o seu reconhecimento, mas para ser entre tuas mãos um instrumento... **AJUDA-ME...**

O Comissário recebeu, no dia seguinte, uma carta que o comoveu até às lágrimas: da prova, uma alma de Chefe acabava de nascer... Aquêle que ontem, ainda, só falava na sua tropa, não fala hoje, senão nos seus rapazes... e, entretanto, na atividade prática nada tinha mudado.

UMA LUZ NAS TREVAS

A guerra moderna, como que a desmentir categòricamente os progressos da nossa civilização, é cada vez mais desumana e cruel. Já na última grande guerra assistimos horrorizados ao vil desprezo pelas normas e princípios estabelecidos entre as nações para a proteção de prisioneiros feridos, o que tornou a luta mais desapiadada e brutal, criminosa mesmo atrás de certas linhas. Recentemente, na luta na Indochina, foram postergados os humanitários princípios de socorro e auxílio aos feridos e estropiados. Parece que os homens, cegos pelo ódio, estão incapazes de sentir um pouco de compaixão pelo seu semelhante.

Na noite mais negra, porém, uma luz é sempre um clarão de esperança que rompe as trevas em tôdas as direções e assinala aos perdidos que ali há vida e calor. E, na escuridão desta guerra fratricida, uma luz brilhou intensamente. Foi uma jovem — sempre os jovens — Genoveva de Galard, cumpre-nos decorar o nome, que heròicamente informou sua mãe, a Viscondessa de Galard-Terroube, que “tinha muito tempo para se casar. Inscrevi-me — disse — nos serviços aéreos e vou para a Indochina ajudar

os franceses que se batem pela pátria”. E marchou. Serviu na ponte aérea, assegurando o transporte de 250 feridos de Dien Bien Phu. Em 10 de Abril, o seu avião, crivado de balas, caiu na floresta. Ninguém foi capaz de a arrancar dali. Recusou-se a partir. “Devo ficar para tratar dos feridos”. Partiu para a fortaleza, foi a única mulher no meio dos onze mil soldados, suportou corajosamente o combate terrível, auxiliando e confortando os feridos, assistiu à rendição, continuou no seu posto, só consentindo em sair da fortaleza quando os seus serviços não eram mais necessários.

Esta extraordinária jovem soube fazer brilhar a sua luz”, nas densas trevas do egoísmo humano. O seu gesto deve ter despertado a esperança no coração de muitos e deixou-nos a nós, longínquos espectadores, a certeza de que no mundo ainda há almas capazes de amar o seu semelhante, fé bastante para contagiar outros para uma vida mais feliz. Todos lhe devemos gratidão pelo seu nobre exemplo.

(Do mensário dos Escoteiros de Portugal “Sempre Pronto”).

Resenha da Reunião da Diretoria Nacional em 13 de Setembro de 1954

COMUNICAÇÕES — O Chefe José Araujo Filho, Comissário Nacional, dá conhecimento à Mesa do ofício recebido do Comissário Regional do Ceará, em que justifica os termos de seu ofício anterior, sobre a Delegação cearense ao Acampamento Internacional de Patrulhas, juntando as alegações firmadas pelo Chefe Carlos Rodrigues de Souza, dirigente da Delegação, e que deram causa aquela sua atitude. Em seguida o senhor Comissário Nacional lê o ofício recebido da Federação das Bandeirantes do Brasil relativo à Associação das Escoteiras de São Paulo, em resposta ao ofício enviado pelo Comissariado Técnico Nacional. O assunto é discutido largamente, trocando-se várias opiniões, ficando deliberado que o senhor Comissário Nacional redigisse uma resposta submetendo-a, antes, à consideração da Diretoria Nacional. Comunica, ainda, o Chefe José de Araujo Filho a expedição dos ofícios de número 533 a 540 pelo Comissariado Técnico Nacional e um telegrama à Região do Rio Grande do Sul pedindo uma resposta sobre a realização do Acampamento Nacional de Pioneiros naquele Estado.

ESCOTISMO NO ESTADO DE ALAGÓAS

— Por proposta do Comissário Nacional, Chefe José de Araujo Filho, foi aprovado que, em vista da inexistência da Região Escoteira do Estado de Alagôas, seja concedida autorização provisória para a fundação de um Grupo Escoteiro na cidade de Rio Largo, no referido Estado.

NOMEAÇÕES — O senhor Comissário Nacional, Chefe José de Araujo Filho solicita e obtem aprovação prévia da Diretoria para os seguintes atos:

— comissionamento como Chefe Escoteiro do Pioneiro João Pontes de Miranda Filho e sua nomeação para Chefe do Grupo Escoteiro de Rio Largo, no Estado de Alagôas;

— nomeação do Chefe João Washington dos Santos para Chefe Geral e Chefe de Corumbá, Estado de Mato Grosso, a contar de 28 de junho, data da Autorização Provisória concedida pela Diretoria Nacional.

ESCOTEIRO DA PÁTRIA — Em vista da solicitação constante do ofício número 9-54, de 22 de agosto último, do Comissário Regional do Estado do Rio de Janeiro, e de acordo com o Parecer favorável do Comissário Nacional, é concedido o título de Escoteiro da Pátria ao Escoteiro URACI CASTRO BOMFIM, da Associação de Escoteiros de Rezende.

MEDALHA DE BONS SERVIÇOS — É concedida a Medalha de Bons Serviços, em bronze, ao Chefe doutor Jorge Moreira da Rocha, da Região Escoteira do Ceará, por contar mais de dez anos de bons e eficientes serviços ao Escotismo, de acordo com o pedido feito em ofício s/n., de 7 de julho último, do Presidente da referida Região e parecer favorável do Comissário Nacional.

TERRENO NA AVENIDA BRASIL, NO ATERRO DA MARINHA — O Chefe José de Araujo Filho, Comissário Nacional, comunica que esteve tratando desse assunto com o Almirante Luciano Alves de Azevedo, que superintende o serviço de aterro que a Marinha vem procedendo nesse local. Foi informado de que havia sido expedido um ofício ao Carioca Iate Clube mandando desocupar a parte do terreno que pertence à União dos Escoteiros do Brasil, de acordo, aliás, com a decisão do Exmo. senhor Ministro da Marinha. Urge, portanto, um entendimento com a Diretoria daquele Clube para ser combinada a poses do referido terreno. Nesse sentido ficou deliberado que o Chefe José de Araujo Filho, Comissário Nacional, tratasse do expediente necessário.

TESOURARIA — Pelo Chefe Homero de Almeida Magalhães, Tesoureiro, foi apresentado e aprovado o Balancete de prestação de contas do mês de agosto último.

CONTADOR — O senhor Tesoureiro, Chefe Homero de Almeida Magalhães, comunica que o nosso Contador não vem correspondendo, pontualmente, ao serviço de que se acha incumbido, o que tem dado motivo a um certo atrazo na escrituração. Em consequência, o senhor Tesoureiro fica autorizado a tomar as medidas que forem pre-

cisas para o bom andamento e normalidade dos serviços da Tesouraria.

LICENÇA PARA TRATAMENTO DE SAÚDE — O senhor Tesoureiro, Chefe Homero de Almeida Magalhães, comunica que o nosso Comissário de Organização, Chefe David Mesquita Barros, foi operado na Beneficência Portuguesa, onde se encontra internado, precisando, portanto, de algum tempo para seu restabelecimento. Sugere que lhe seja concedida uma licença para seu completo restabelecimento. Submetido o caso a apreciação da Diretoria foi deliberado que o Chefe David seja considerado licenciado para tratamento de saúde até seu pronto restabelecimento, sem prejuízo da Ajuda de Custo que recebe para o desempenho do cargo de Comissário de Organização.

AUDIÊNCIAS — A fim de que sejam feitas às necessárias comunicações ao Excelentíssimo senhor Presidente da República e Ministros de Estado da Marinha e da Educação e Cultura a respeito de seus cargos de Presidente e Vice-Presidente de Honra, na forma dos nossos Estatutos, ficou delibe-

rado que o senhor Presidente e o senhor Comissário Nacional solicitassem aos mesmos a necessária audiência para que a Diretoria Nacional, fizesse entrega diretamente dos respectivos escritórios de comunicação.



Correspondentes Escoteiros

Desejam manter correspondência com Escoteiros do Brasil, os seguintes escoteiros:

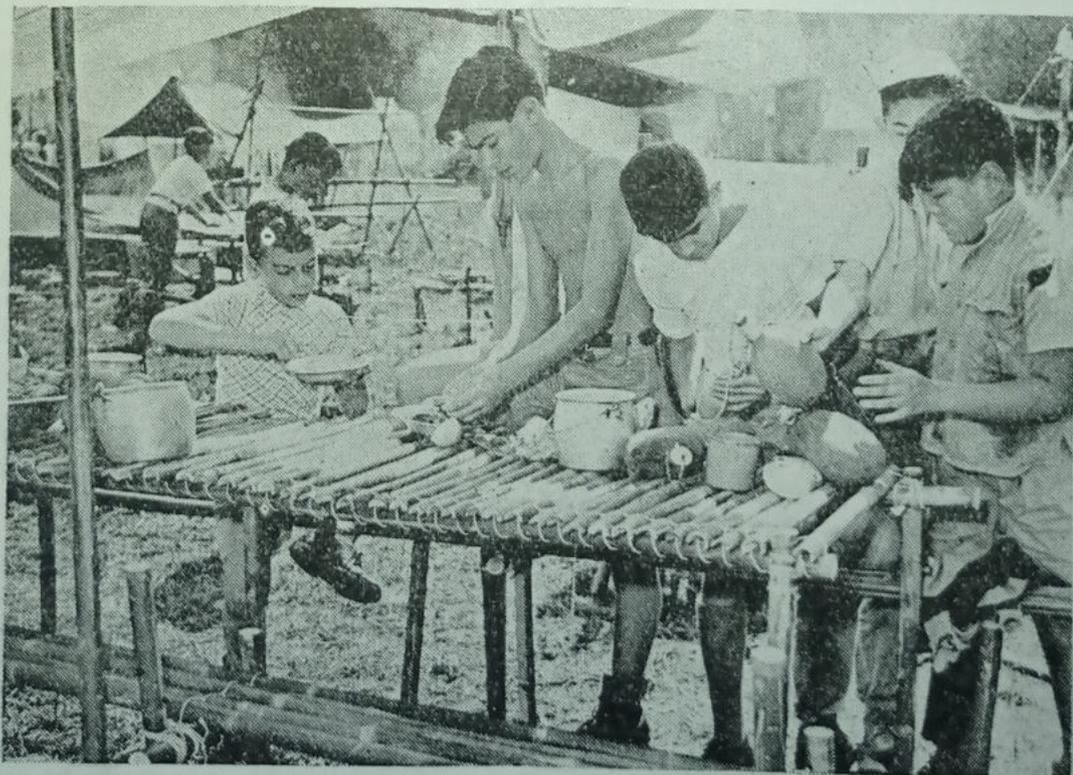
Guillermo Junemann Holtheur — Avenida Bilbao, 2790 — Santiago — Chile.

Jere Berglund — 428 S. Locust, Ottawa, Kansas — América do Norte.

Larry Daniel — 806 Bierne Avenue — Huntsville, Alabama — América do Norte.

John E. Branum — 7813 Humes Avenue — Huntsville, Alabama — América do Norte.

Jean-Louis Attard — 18, rue Et. Tazarki — Tunis — Tunísia.



Ecoss do A.I.P. — Uma patrulha preparando sua refeição.